

**Perceção e avaliação dos adultos face à expressão de
sexismo em crianças: Papel moderador do tipo de
sexismo e do género do participante**

Joana Henriques

86729

Orientador:

PhD, Ricardo Borges Rodrigues,

Professor Auxiliar Convidado ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

2022

Dissertação de Mestrado realizada sob a
orientação do professor Ricardo Borges Rodrigues, apresentado no ISCTE –
Instituto Universitário para obtenção de
grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer às pessoas que estiveram presentes durante a elaboração deste estudo, ou seja, ao meu orientador que sempre me guiou na direção correta e à minha colega Margarida Cavadas, que me enviou material que possibilitou a realização deste estudo em tempo útil. Também, e principalmente, agradeço à minha família, e em especial aos meus pais e à minha avó, que sempre acreditaram que eu ia conseguir e que nunca deixaram de me dar força neste longo processo que foi tirar um curso superior.

Seguidamente, estou imensamente grata às minhas amigas e colegas de curso, Luana Rosa, Sofia Crespo e Tatiana Vieira, que entre materiais de ajuda ótimos, lágrimas, risos e suor, sempre estiveram do meu lado e que sempre me fizeram sentir acompanhada, mesmo tendo terminado as suas dissertações primeiro. Sem faltar, tenho de agradecer ao meu namorado Iuri, que sempre me obrigava a fazer a tese e às minhas melhores amigas, Catarina Lopes, Angela Ramos e Khrystyna Klivanets, que nunca me deixaram parar de acreditar em mim.

Também quero agradecer a todos os professores e professoras que fizeram parte tanto da minha licenciatura na UAlg, como do meu mestrado no ISCTE-IUL, que me mostraram tanto e me ensinaram tanto. Sem esse conhecimento partilhado nada seria possível.

Não posso deixar de expressar uma palavra de agradecimento aos participantes do estudo, que com esforço e dedicação, partilharam e responderam ao questionário, cujas respostas me permitiram realizar o estudo. Um muito, muito obrigada!

Resumo

O sexismo ambivalente reúne um conjunto de crenças (benevolentes e hostis) sobre as relações entre homens e mulheres, contribuindo para as desigualdades de género. A pesquisa recente sugere que estas crenças (e.g., paternalismo protetor) estão presentes em crianças, e que os pais têm um papel ativo na sua socialização. Contudo, e embora a pesquisa revele que o sexismo benevolente é socialmente aceite, é desconhecido de que modo avaliam os adultos a expressão de diferentes formas de sexismo pelas crianças. Para responder a esta questão, realizámos um estudo quase-experimental, com 217 portugueses, a média das idades foi de 32,1 anos, tendo o participante mais novo 11 anos e o mais velho 82 anos, foi obtido um desvio padrão de 12,5 anos. Mais de metade da amostra analisada era do género feminino (60,4%). Os participantes avaliaram um alvo do sexo masculino (12 anos de idade) a partir das respostas (falsas) a um questionário de sexismo ambivalente. Foram criados quatro perfis (não-sexista; sexista benevolente; sexista hostil; sexista ambivalente), refletindo maior/menor concordância com crenças de sexismo benevolente/hostil. Cada participante avaliou um perfil/alvo relativamente ao grau de sexismo expresso e qualidade de uma eventual relação amorosa futura. Os resultados revelam que, em geral, os participantes avaliam mais positivamente e consideram mais equivalentes os perfis não-sexista e sexista benevolente. Participantes com níveis mais elevados de sexismo benevolente avaliam de forma igualmente desfavorável os perfis não-sexista e sexista hostil relativamente à expressão de carinho e companheirismo numa relação futura. Os resultados são discutidos no quadro do papel dos adultos no desenvolvimento e expressão do sexismo na infância e as suas implicações para as relações amorosas futuras.

Palavras-chave: Sexismo ambivalente; crianças; adultos; atitudes face ao sexismo.

Abstract

Ambivalent sexism brings together a set of beliefs (benevolent and hostile) about relations between men and women, contributing to gender inequalities. Recent research suggests that these beliefs (e.g., protective paternalism) are present in children, and that parents play an active role in their socialization. However, although research reveals that benevolent sexism is socially accepted, it is unknown how adults assess the expression of different forms of sexism by children. To answer this question, we conducted a near-experimental study with 217 Portuguese, the mean age was 32.1 years, with the youngest participant 11 years and the oldest 82 years, a standard deviation of 12.5 years was obtained. More than half of the sample analyzed was female (60.4%). Participants evaluated a male target (12 years old) from the (false) answers to an ambivalent sexism questionnaire. Four profiles were created (non-sexist; benevolent sexist; hostile sexist; ambivalent sexist), reflecting greater/lower agreement with beliefs of benevolent/hostile sexism. Each participant evaluated a profile/target regarding the degree of express sexism and quality of a possible future love relationship. The results reveal that, in general, the participants evaluate more positively and consider more equivalent the non-sexist and sexist benevolent profiles. Participants with higher levels of benevolent sexism also unfavorably assess non-sexist and sexist hostile profiles regarding the expression of affection and companionship in a future relationship. The results are discussed in the context of the role of adults in the development and expression of sexism in childhood and its implications for future love relationships.

Key-words: ambivalent sexism; children; adults; attitudes toward sexism.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
CAPÍTULO 1	1
Introdução.....	1
1.1. O que é sexismo.....	1
1.2. Estudos anteriores	3
1.3. Síntese das diferentes secções do trabalho	3
CAPÍTULO 2.....	4
Revisão da Literatura	4
2.1. Desigualdades de género	4
2.2. Sexismo	5
2.3. Sexismo Ambivalente.....	7
2.4. Perceção dos adultos sobre o sexismo	10
3. Presente estudo	14
CAPÍTULO 3.....	15
Método	15
Participantes	15
Desenho do estudo	15
Perfis dos alvos.....	16
Instrumentos	16
1. <i>Inventário de Sexismo Ambivalente</i>	16
Procedimento.....	17
CAPÍTULO 4.....	18
Resultados	18
Discussão	22

Limitações e estudos futuros	26
Anexos	32
Anexo 1	32
Anexo 2	32
Anexo 3	33
Anexo 4	33
Anexo 5	34
Anexo 6	34
Anexo 7	35
Anexo 8	36
Anexo 9 – Perfis dos Alvos (Profile)	37
Anexo 10 – Género dos participantes	38
Anexo 11	39

CAPÍTULO 1

Introdução

1.1. O que é sexismo

1.1.1. Sexismo no mundo

Em diferentes culturas, as mulheres, comparativamente aos homens, são um grupo em desvantagem, sendo isso indicado, por exemplo, nas diferenças de oportunidades de ascensão e salários, e a pequena percentagem de mulheres nos mais prestigiados lugares de poder, tanto empresariais, como governamentais (United Nations Development Programme, 1998). No entanto, contrastando com estes dados, Eagly e Mladinic (1994) descobriram que as mulheres eram, na verdade, estereotipadas com características mais positivas que os homens, características essas como *warmth* e *nurturance*. Estes dados vieram contrastar com o modelo de discriminação defendido até então, liderado pela ideia de que a discriminação advinha de uma antipatia para com o alvo (Allport, 1954).

De modo a dismantelar este paradoxo, diversos autores desenvolveram estudos que vieram mostrar a verdadeira natureza do sexismo, sendo esta composta por dois tipos, o sexismo hostil (reconhecido até então) e o sexismo benevolente, uma orientação subjetivamente mais positiva, que concernia proteção, idealização e afeto para com as mulheres. No entanto, tal como o sexismo hostil, este serve para manter e justificar a subordinação das mulheres e o *status* do homem (Glick & Fiske, 1996). Ou seja, as mulheres eram vistas positivamente em algumas dimensões, como ser calorosas e amáveis, e negativamente em outras, tais como ser competentes ou eficazes (Eagly & Mladinic, 1994; Fiske, 1998; Fiske et al., 1999; Glick & Fiske, in press).

Sem falar das evidentes anedotas que polarizavam atitudes para com mulheres (ex.: a dicotomia *virgin-whore*; Travis & Wade, 1984), que sempre existiram, Glick e Fiske (1996) defendiam que o sexismo hostil e o benevolente provinham de condições sociais e biológicas comuns a sociedades humanas no geral, sendo estas o patriarcado, a diferenciação de género, e a reprodução sexual. De modo a explicar, mesmo que os homens dominassem em diversas culturas, eles dependiam das mulheres para reproduzir, para tarefas domésticas e para preencher as necessidades sexuais e de intimidade, dando poder às mulheres dentro das relações íntimas (Guttentag & Secord, 1983). É

esta dependência que precipita atitudes paternalísticas subjetivamente benevolentes para com as mulheres (Glick & Fiske, 1996). No entanto, essa benevolência patriarcal presume a inferioridade das mulheres, defendendo que as mulheres precisam dos homens para se protegerem, escondendo essa noção de inferioridade atrás da idealização das mulheres como criaturas puras e maravilhosas e reforçando o ideal patriarcal.

1.1.2. Sexismo em Portugal

No nosso país o voto feminino foi introduzido desde 1931 mas apenas após o 25 de abril de 1974 é que se consagrou o sufrágio universal e foram abolidas as restrições de voto baseadas no sexo dos cidadãos. Isso foi há menos de 50 anos atrás. Obviamente que 48 anos é tempo para muitas mudanças, mas a pergunta que fica é: serão suficientes?

Voltando ao presente, devido às mobilizações feministas, as normas jurídicas em diversas sociedades têm vindo a consagrar o princípio da igualdade entre homens e mulheres. No entanto, a ideologia sexista continuar a influenciar as práticas institucionais e as relações interpessoais tal como explicado acima. A desigualdade com base no sexo ainda é um desafio da democracia e do exercício da cidadania das mulheres no século XXI. Por exemplo, os homens continuam a ocupar a maior parte dos cargos políticos e das posições de chefia no trabalho. Podemos ver este facto através do Sustainable Development Report (2022), no entanto nos últimos anos houve um progresso nos níveis de igualdade de género devido a mais mulheres no parlamento e a ocuparem mais papéis ministeriais. Isto observou-se na Suécia, Finlândia, Suíça, Espanha, mas não em Portugal (OECD, 2022; Sustainable Development Report, 2022).

Mesmo com algumas melhorias, nenhum dos 144 países cumpriu plenamente as promessas esperadas no Sustainable Development Report (2022) nem mesmo os países de topo estão nesse caminho para todos os indicadores de igualdade de género. Ou seja, esta evolução existe, mas lenta e desigual. Mais especificamente, 91 dos 135 fizeram progressos desde 2015, 28 países (21%) tiveram um progresso rápido, enquanto 63 países (47%) tiveram apenas algum progresso. E mesmo estes países que mostraram progressos na igualdade de género, os aumentos no index de pontos são, no geral, pequenos (um aumento de 3 pontos em 100).

1.2. Estudos anteriores

Existe pouca investigação ainda sobre esta vertente ambivalente do sexismo, no entanto já existem alguns estudos desenvolvidos (Costa et al., 2015; Glick & Fiske, 1996, 1997; Lemus et al., 2008), mas foi o de Bohner (2009) que despertou maior atenção. Bohner estudou não só o sexismo ambivalente mas também a atração sentida pelas mulheres relativamente a homens sexistas benevolentes, a relação dessa mesma atração com atitudes feministas e relações de género, e a própria perceção da pessoa.

Bohner procurou estudar a *likability* e a tipicidade de cada homem apresentado, sendo cada um deles não sexista, sexista ambivalente, sexista benevolente e sexista hostil. Para apresentar cada perfil de homem, Bohner utilizou a Escala de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996). Isto mostrou que o sexista benevolente foi o com níveis maiores de *likability*, sendo que o sexista ambivalente foi o mais típico. Também foi demonstrado que as mulheres tinham noção da ligação entre o sexismo hostil e benevolente, e até aprovaram o sexismo benevolente, principalmente quando não vinha agregado a sexismo hostil. Os níveis de *likability* foram moderados pelo próprio sexismo benevolente e atitudes feministas de cada participante.

1.3. Síntese das diferentes secções do trabalho

Este trabalho é composto primeiramente por uma explicação detalhada do que são as desigualdades, principalmente as desigualdades de género, e como é que estas se relacionam com o nosso contexto social, profissional, escolar, etc. Dentro da nossa socialização, encontramos uma passagem de ideais e conceitos de um indivíduo para outro, sendo através da socialização que acontece uma disseminação da cultura. Estas culturas, seguidamente demonstradas, revelam ideais e estereótipos de género sexistas. Numa segunda parte é explicado então o conceito de sexismo, ou seja a discriminação baseada no género do outro. Terceiramente, é explicado a Teoria do Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996), onde é explicado que o sexismo tem duas vertentes, uma benevolente e patriarcal, e a outra hostil. E sendo assim, se os indivíduos tinham perceção dessas duas facetas e se entendiam que o sexismo benevolente não existia na ausência do hostil.

Para isto, foi preenchido um questionário sobre sexismo ambivalente (ASI, Glick & Fiske, 1997) e manipulou-se a amostra para pensarem ter sido preenchido por crianças de 12 anos. Isto tinha o objetivo de entender a perceção dos adultos ao ler as respostas dadas, supostamente, por crianças. Pois, de seguida, foram-lhe dados questionários sobre o perfil da criança que lhes foi apresentada para responderem.

Por último, nos resultados e conclusões podem verificar se realmente as hipóteses expostas acima foram verificadas ou não.

CAPÍTULO 2

Revisão da Literatura

2.1. Desigualdades de género

A desigualdade é um conceito relacional, isto é, ela implica uma comparação entre indivíduos, categorias sociais ou agregados geográficos. Estas desigualdades manifestam-se em diversas esferas da vida em sociedade. Segundo Therborn (2013) existem três tipos fundamentais de desigualdades: (a) desigualdades vitais, que estão associadas à saúde e que podem ser medidas através da esperança média de vida à nascença ou da taxa de mortalidade infantil; (b) desigualdades de recursos, que consistem na distribuição assimétrica do capital económico, cultural e social; (c) e as desigualdades existenciais, que se baseiam em desigualdades simbólicas ou de reconhecimento social, como por exemplo a discriminação de género.

Através do Observatório das Desigualdades (Cantante, 2014), foi possível observar que Portugal regista uma taxa de atividade feminina elevada comparativamente ao contexto europeu, isto significa que a participação das mulheres no mercado de trabalho é relativamente igual à dos homens. No entanto, o mercado de trabalho português é ainda dominado por desigualdades de género no aspeto das oportunidades e remunerações (. Carvalho (2011) apontou para a larga diferença entre o nível remuneratório dos homens e das mulheres, com recursos escolares idênticos e pertencentes à mesma classe social.

Apesar de se ter presenciado a um incremento da participação feminina no mercado de trabalho, e a uma maior feminização do topo da distribuição dos ganhos salariais, esta evidência não impediu a persistência de profundas desigualdades no acesso aos grupos mais bem pagos da população trabalhadora. Cantante (2014) demonstrou que a desigualdade de género está bastante acentuada no acesso aos quartis de topo da distribuição dos ganhos salariais, sendo que os homens estão sobre representados nestes grupos.

2.2. Sexismo

No entanto, o reconhecimento social disso como algo errado, discriminatório, e o nascimento do conceito *sexismo*, é muito mais recente. Apenas quando Pauline M. Leet deu um discurso sobre “Mulheres e os não graduados”, em 1965, numa universidade dos Estados Unidos, é que o termo *sexismo* entrou para o vocabulário comum das pessoas, e passou a ser um tema de debate (Lorenzi-Cioldi & Kulich, 2015). Leet explicou este “novo” conceito fazendo um paralelo com outro conceito já conhecido, o racismo. Ela explicou que também o sexismo é uma forma de discriminação baseada, desta vez não na etnia do indivíduo, mas sim no seu gênero (Ku, 2010).

Quando realmente começou a estudar-se o tema do sexismo, que tinha como base as diferenças dos homens e das mulheres, diferenças essas que resultam, de uma forma sutil ou não, na superioridade do homem, encontrou-se mais semelhanças do que diferenças entre homens e mulheres (Maccoby & Jacklin, 1974). Mais tarde, Hyde (2005) veio de encontro a esses mesmos resultados, no entanto, relativamente à sexualidade e às *self-attributions* notaram-se diferenças significativas. Porém, as diferenças notadas nas *self-attributions*, como já sabemos hoje, derivam do tratamento gendrificado das mulheres e dos homens na sociedade, ao longo das gerações (Wood & Eagly, 2010).

Nas primeiras abordagens sobre discriminação, esta era vista como uma “antipatia baseada numa generalização defeituosa e inflexível”, sendo assim a discriminação algo hostil e intrinsecamente negativo (Allport, 1954). No entanto, mais tarde, Myrdal (1944) sugeriu existirem atitudes ambivalentes relativamente às minorias. Após a Segunda Guerra Mundial, a sensibilidade para com as minorias aumentou ainda mais. Igualdade passou a ser uma norma social, condenando o uso de generalizações estereotipadas, baseadas numa pertença a um grupo. Como consequência, a tendência para ingressar em atitudes abertamente discriminatórias para com mulheres, diminuiu ao longo dos anos (Spence & Hahn, 1997; Twenge, 1997). Porém, formas mais subtis de discriminação foram aparecendo, pedindo uma revisão da definição do conceito de sexismo. Como resposta, Guttentag e Secord (1983) mostraram a necessidade de ter em consideração a ambivalência das atitudes protetoras com as mulheres, e Glick e Fiske (1996) apresentaram um novo conceito, o sexismo ambivalente, e a sua escala de medição (ASI, 1996). Estes autores vieram mostrar que, em geral, existe uma alta consistência em diversas culturas, relativamente a alguns domínios do sexismo: na estrutura do instrumento que criaram (Ambivalent Sexism Inventory, 1996), na tendência das mulheres, comparativamente com os homens, rejeitarem mais o sexismo hostil do que o benevolente, e na associação do sexismo benevolente com estereótipos mais positivos e o sexismo hostil com mais negativos. Também houve descobertas que foram tipicamente sistemáticas e previsíveis, tais como as

flutuações das médias do sexismo hostil e benevolente estarem relacionadas com os índices de igualdade de género nacionais, o tamanho do *gap* entre as médias do sexismo hostil e do benevolente estar correlacionado com o nível de sexismo nos vários países e ainda providenciaram dados que mostram que as médias do sexismo nos homens previam fortemente as médias das mulheres, tanto no sexismo benevolente como no hostil, sendo isto consistente com a teoria de que grupos em desvantagem frequentemente adotam o sistema justificativo das crenças do grupo dominante (*System-Justification Theory*; Jost & Banaji, 1994). Ou seja, ao haver um aumento dos níveis de sexismo nos homens, há também uma aceitação de ideologias sexistas, por parte de mulheres. Em contraste, o intervalo entre géneros nos níveis do sexismo benevolente, mostram a relação oposta, pois quanto mais sexista a nação, mais as mulheres, comparativamente com os homens, aceitam o sexismo benevolente, chegando ao ponto de, nas quatro nações com os níveis de sexismo mais altos (Botswana, Cuba, Nigéria, África do Sul), mulheres mostrarem níveis mais altos de sexismo benevolente que os homens. Isto é consistente com a ideia de que as mulheres adotam o sexismo benevolente em forma de autodefesa, quando os níveis de sexismo na cultura são altos.

2.2.1. Sexismo na infância

Maccoby (1988) constatou que uma das categorizações mais fundamentais a emergir na vida social de uma criança é o género. Desde tenra idade que as crianças são classificadas como rapariga ou rapaz, o que advém a uma subsequente série de preferências, comportamentos, atitudes *gender-typed*.

Que o género é um fator importante na vida social de uma criança e nas suas relações sociais já é um facto bem documentado, começando por Stain (2000) que diz “aprende-se a ser homem ou mulher e essa aprendizagem fica impressa nas camadas mais profundas da personalidade”. Já em vários estudos se constatou preferências de amizades e segregação de género deste os três anos de idade até início da adolescência. Esta diferenciação de género aumenta com a idade e é observável nos dois géneros, no entanto parece aparecer mais cedo em raparigas (Hartup, 1983; Lockheed & Klein, 1985; Maccoby & Jacklin, 1987).

Uma das razões de isto ocorrer é o facto de isso facilitar o processo individual de identidade de género (Tajfel's, 1978), isto é, as crianças ganharem noção de que são rapaz ou rapariga, e, de acordo com a Teoria da Identidade de Tajfel's, com isto, produz-se uma preferência do *in-group*.

Como já referido acima, esta diferenciação de género aumenta com a idade, sendo que na adolescência é o seu período mais acentuado (Brooks-Gunn & Mathews, 1979; Hill & Lynch, 1983),

devido aos estereótipos de género serem mais extremos nesta idade (Urberg, 1979). Além disso, atitudes sexistas são mais expectáveis nesta idade do que no resto das idades, excetuando a faixa etária dos 50+. Benson e Vincent (1980) vieram ainda mostrar que existem diferenças significativas nas atitudes relativamente à igualdade de género, entre homens e mulheres, e que essa discrepância é maior na adolescência.

Bandura (1978, 1980) desenvolveu um modelo do comportamento humano que enfatiza a importância das várias atitudes e crenças sobre o *eu*, em determinar não só o comportamento, como também as reações ao meio social envolvente. Ou seja, o comportamento é resultado de uma contínua e dinâmica interação entre auto percepções, o ambiente e os comportamentos da pessoa. Sendo assim, atitudes para com as mulheres, baseadas em estereótipos de género, têm um enorme papel na internalização, por parte das raparigas, das atitudes que devem ter nos seus próprios autoconceitos, como enormes decisões de vida, por exemplo a escolha de uma carreira ou iniciar uma família. Também já há estudos que mostram, que mesmo desde cedo, as raparigas desenvolvem baixa autoestima devido aos, ainda demasiado vincados, papéis de género (Rosenberg & Simmons, 1975).

Também é importante apontar que, na medida em que o menino é educado de modo diferente da menina, muitas distinções são feitas pelos próprios pais, definindo suas condutas de acordo com o género (Ricotta, 1999).

2.3. Sexismo Ambivalente

2.3.1. Na população adulta

Tal como referido anteriormente (no ponto 2.2.), o sexismo é uma forma de discriminação, no entanto, a relação que existe entre homens e mulheres, molda esta discriminação de forma um pouco diferente do até agora descrito, por mais que não seja, porque estes dois grupos estão intimamente relacionados (Fiske & Stevens, 1993). Ao longo dos séculos, as mulheres não foram sempre vistas negativamente; elas tanto eram reverenciadas, como repudiadas (Eagly & Mladinic, 1993). Isto demonstra uma ambivalência profunda para com as mesmas (Glick & Fiske, 1996), em vez da “antipatia uniforme” referida por Allport (1954).

Ou seja, Glick e Fiske (1996, 1997) vêm confrontar a teoria de que o sexismo é apenas uma reflexão da hostilidade para com as mulheres, pois esta visão nega um aspeto importante do sexismo, os sentimentos positivos sentidos face às mesmas. Estes autores veem o sexismo como um constructo

multidimensional, composto por dois conjuntos de atitudes sexistas: o sexismo hostil e o sexismo benevolente.

O sexismo hostil precisa de pouca explicação, pois assenta dentro do explicado anteriormente (no ponto 2.2). O sexismo benevolente refere-se a um conjunto de atitudes interrelacionadas, para com as mulheres. Ou seja, veem as mulheres de forma estereotipada e em papéis restritos, contudo são atitudes subjetivamente positivas, sendo comportamentos típicos pró sociais, como ajudar ou procurar intimidade. No entanto, os autores (Glick & Fiske, 1996) não consideram o sexismo benevolente nada de positivo, pois mesmo camuflando-se atrás de atitudes positivas, também este tipo de sexismo se baseia nos estereótipos tradicionais e na dominância masculina, sendo a mulher dependente do homem, e tendo consequências nocivas para as mulheres, tal como o sexismo tradicional, ou hostil, tem.

Este tipo de sexismo representa uma imagem pejorativa das mulheres, sendo estas vistas como as mais justas, mas também como as mais fracas (Glick & Fiske, 2001). Vários estudos mostraram que o sexismo hostil e o sexismo benevolente estão correlacionados positivamente (Eckes, 2001; Glick & Fiske, 1996; Glick et al., 2000). Isto suporta a ideia de que o sexismo hostil e o benevolente formam partes complementares da ideologia sexista, tanto a nível individual como a nível cultural, tendo um poder devastador nos interesses das mulheres. Outros estudos demonstraram como consequências do sexismo benevolente uma pior performance a nível cognitivo (Dardenne, 2007), um aumento da própria auto objetificação e insatisfação para com o próprio corpo (Forbes et al. 2004). Também existem consequências menos diretas, como este tipo de sexismo legitimar as diferenças de género, de modo a impedi-las de tentar mudar o *status quo* (Becker & Wright, 2011).

Relativamente a estereótipos de género, estudos revelaram, que em determinadas áreas, as mulheres eram descritas com melhores olhos que os homens. No entanto, ia de encontro aos estereótipos de género tradicionais, em que os homens eram descritos como líderes, e as mulheres como cuidadoras ou amáveis (Eagly, Makhijani, & Klonsky, 1992). No entanto, relativamente ao sexismo hostil, este foi prevalente em praticamente todas as culturas, ao longo dos séculos, tendo as mulheres sido restritas a papéis sociais com menos *status* que os homens (Tavris & Wade, 1984). Estudos mais recentes indicam que as mulheres, ainda, enfrentam discriminação em ganhos salariais (Glick, 1991), e ainda mais recentemente, estudos feitos especificamente em Portugal demonstraram o mesmo (Carvalho, 2011; Cantante, F., 2014).

Pesquisas relacionaram uma maior prevalência de mulheres assediadas em locais de trabalho (Gutek, 1985), perceções piores, relativamente a mulheres em cargos de poder e *leadership*, quando

comparadas aos homens (Eagly, Makhjani, & Klonsky, 1992), e uma evidência de violência sexual para com as mulheres frequente (Unger & Crawford, 1992).

2.3.2. Na população infantil

Não existem muitos estudos sobre a presença de sexismo ambivalente nas crianças. Gutierrez et al. (2019) descobriu que tanto raparigas como rapazes, nos Estados Unidos, aprovam a ideia de que os rapazes são heróicos, e que as raparigas precisam de ser socorridas. Também Powlishta (1995) indicou que tanto rapazes como raparigas indicavam os traços positivos “forte” e “desafiador” como sendo masculinos, e traços como “gentil” ou “afeciosa” sendo femininos, traços estes que se encontram dentro dos estereótipos de género, pertencentes ao sexismo.

Estudos indicaram, no entanto, que o facto de as crianças verem as mulheres como mais calorosas, compreensivas e amorosas, suscita atitudes mais positivas para com as mesmas (Fiske et al., 2002; Dunham et al., 2016). No entanto, esta visão estereotipada das mulheres e dos homens, é utilizada como justificação para as desigualdades de género e manutenção das mesmas (Abele et al., 2008; Glick & Fiske, 1996), o que as torna negativas.

Contudo, já existem estudos que mostram que as crianças também podem ter atitudes gendrificadas hostis para com as mulheres (Aboud, 2005; Bigler & Liben, 2016; Gutierrez et al., 2019). E respondendo à pergunta de Glick e Fiske (1996), estudos (Lemus, 2007; Hammond et al. 2018) vieram mostrar que o sexismo ambivalente se mostra presente bem antes da adolescência, pois já em crianças atitudes ambivalentes são observáveis. Porém, isto não retira o peso do que Glick e Fiske (1996) afirmaram sobre o sexismo ambivalente na adolescência ser particularmente alto, e ser motivado pelo aparecimento da sexualidade, enquanto que a infância era guiada por uma enorme segregação de género e falta de benevolência para com o género oposto, pois elas estão no processo de criar uma identidade de género e favorecem o *in-group*, distanciando-se do *out-group* (Hoffman & Powlishta, 2001).

Nesta precoce identificação de género, entram também as crenças dos pais, ou cuidadores primários, pois estes são importantes agentes de aprendizagem durante a infância (Busser & Bandura, 1999). Ou seja, ao olhar para o sexismo, tanto hostil como benevolente, tanto dos rapazes, como das raparigas, há que avaliar os níveis dos mesmos nos cuidadores dessas mesmas crianças. Montañés (2012) veio demonstrar como os níveis de sexismo benevolente das mães estava correlacionado negativamente com os níveis de estudos, ou seja, quanto maior o nível de estudos, menor o nível de sexismo benevolente.

De encontro a isto, vem Lemus (2010) explicar que na adolescência existe uma diminuição da segregação de género e um aumento do interesse em interagir com o sexo oposto (Cairns et al. 1995; Sánchez et al. 2008). Para sujeitos heterossexuais, tanto fatores biológicos como sociais trabalham em conjunto para o aumento desse interesse pelo sexo oposto e pela procura de uma relação romântica (Maccoby, 1998). Essas relações vão-se tornando mais sérias e longas ao longo da idade (Sancéz et al. 2008). Esta experiência de relações íntimas heterossexuais vai aumentar a consciência de que membros do outro género podem preencher necessidades importantes. Esta mudança da segregação de género para uma integração de género, vai fazer com que os jovens tendam a ter atitudes menos hostis com as mulheres, no entanto não se observa uma diminuição do sexismo benevolente (Eckes et al. 2005; Glick & Hilt, 2000). Isto demonstra que o contacto próximo entre dois géneros não ajuda na disseminação do sexismo, apenas na sua evolução para outros tipos de atitudes igualmente promotores de desigualdades de género, tal como nos adultos.

2.4. Perceção dos adultos sobre o sexismo

2.4.1. Na população adulta

Relativamente à perceção que os adultos têm do sexismo, se formos olhar especificamente para o sexismo benevolente, as mulheres tendem em aceitá-lo, em ordem de conseguirem obter os benefícios que, supostamente, este tipo de sexismo alega ter, afirmando que o poder dos homens vai ser usado em prole das mulheres (Glick & Fiske, 2001). Bohner (2010) interpretou isto como uma abertura para a questão de se as mulheres tendem a gostar, e até a sentir-se atraídas, por homens sexistas benevolentes. E nesse caso, não estarão as mulheres conscientes de que o sexismo benevolente está intimamente ligado a atitudes sexistas hostis? Ou estarão dispostas a lidar com um pouco de hostilidade desde que os homens contrabalancem a equação com benevolência? Ele concluiu que as mulheres mostram ter consciência da ligação entre sexismo benevolente e hostil. Porém, mesmo mostrando ter esta consciência, as mulheres exibiram igual aceitação em perfis sexistas benevolentes e em perfis não sexistas, apresentando mesmo resultados mais positivos relativamente a gostar dos perfis e em sentirem-se mais atraídas por um homem sexista benevolente.

No entanto, um estudo realizado por Killianski e Rudman (1998) apresentou resultados contrastantes, pois constataram que as mulheres não estão totalmente conscientes da ligação entre sexismo benevolente e o hostil. Desta maneira acabam por suportar o sexismo hostil sem se aperceberem, ao responderem positivamente ao sexismo benevolente. No entanto os próprios autores

dizem que ainda falta evidência empírica que ajude a entender este fenômeno totalmente, pois estarão realmente as mulheres a aceitar o sexismo benevolente, com plena consciência que esse sexismo está ligado ao mesmo sexismo hostil? Culpado de imensas violações, assédios e todo o tipo de violência para com a mulher? Pois mesmo no estudo de Bohner (2010), as mulheres tendiam a preferir acima de todos os outros tipos, o homem que demonstrasse ser puramente benevolente, sem traços de hostilidade.

Uma explicação é dada por diversos estudos (Noseworthy & Lott, 1984; Six & Eckes, 1991; Vonk & Ashmore, 2003), sendo esta a divisão do grupo-alvo deste tipo de sexismo, as mulheres, em subtipos, tais como mulheres tradicionais (donas de casa), mulheres não tradicionais (feministas e mulheres de carreira) e mulheres sedutoras/*temptresses*. As mulheres que mantenham na categoria tradicional são recompensadas com bondade e benevolência, enquanto as restantes são alvo de uma discriminação mais acentuada, ou pelo menos, mais visível (Six & Eckes, 1991; Glick et al., 1997; Sibley & Wilson, 2004). Logo, isto resulta numa preferência, por parte das mulheres tradicionais, pelo sexismo benevolente.

Contrastando com os resultados de Bohner (2010), temos Hopkins-Doyle et al. (2018), que mostraram o poder de engano do sexismo benevolente, envolto em atitudes amistosas e superficialmente positivas, parecendo às mulheres uma solução para a misoginia e a desigualdade de género, e não uma perpetuação do sexismo.

Ainda relativamente à perceção que os adultos têm do sexismo, e como já referido acima, as pessoas podem tender a avaliar mais positivamente o sexismo benevolente do que do hostil (Glick & Fiske, 1996), todavia foi sugerido que o sexismo benevolente é mais difícil de combater do que o hostil, devido ao facto de passar despercebido aos olhos do alvo. Também um estudo feito por Conelly e Heesacker (2012) mostrou que quem percecionava o sexismo benevolente, mesmo entendendo que este perpetuava desigualdades de género a nível estrutural, entendia-o satisfatório a nível pessoal. Porém, estudos já relacionaram positivamente confrontação com consequências intergrupais positivas, tais como pedir desculpa ou preocupação futura com possíveis atitudes ofensivas (Czopp and Monteith, 2003; Czopp et al., 2006), o que demonstra a necessidade de responder assertivamente a todos os tipos de sexismo, seja este subtil ou não.

“A simple confrontation could be enough to trigger self-correction. However, having a pleasant interaction with one’s confronter might go a step further and reinforce the desire to eliminate biased language.” (Mallet & Wagner, 2011)

2.4.2. Na população infantil

É a falta de material empírico nesta mesma questão que fundamentou o presente trabalho. Já foi constatado por diversos estudos referidos acima, que realmente o sexismo existe na infância, iniciado pela diferenciação de gênero e seguido pela preferência natural do *in-group*. No entanto, será que os adultos, têm consciência de que as crianças também são capazes de ter atitudes sexistas? E que um dos agentes destas atitudes são eles mesmos? Existirá uma real consciência do que é o sexismo e das suas diferentes formas? É o que o presente trabalho se propõe explorar.

2.4.3. Preditores dessas percepções

A percepção do sexismo é influenciada pelas crenças do próprio indivíduo, tais como crenças políticas (Jost et al. 2003) e religiosas (Glick et al. 2002; Tasdemir & Sakallı-Uğurlu, 2010), e pelas ideologias sociais, que são partilhadas por uma sociedade e ancoradas através de um sistema social, que guia as pessoas sobre como agir corretamente uns com os outros. Estas ideologias perpetuam a legitimação subjetiva do *status quo*.

Num ponto de vista mais alargado, Glick et al. (200) apresentaram resultados que suportam a ideia de que, independentemente do país de origem, o sexismo hostil e o sexismo benevolente são formas complementares de sexismo. Também através de comparações entre países, mostraram que as médias do sexismo hostil e benevolente prediziam o grau de desigualdade de gênero nas diferentes nações, isto é, quando as médias do sexismo hostil e benevolente aumentavam, também os níveis de desigualdade de gênero aumentavam. Outro resultado a apontar, foi que também em diversos países, a média do sexismo nos homens predizia a média das mulheres no sexismo hostil e benevolente, suportando a teoria de que grupos dominados adotam os sistemas de justificação do grupo dominante (Jost & Banaji, 1994 *in* Glick et al., 2000), ou seja, quanto maior o sexismo nos homens, maior a aceitação do sexismo por parte das mulheres, no entanto, o sexismo hostil tinha sempre menos aceitação por parte das mulheres do que por parte dos homens.

Esta evidência é consistente com a ideia de que as mulheres utilizam o sexismo benevolente como forma de autodefesa, quando entendem que, na sociedade e cultura que as rodeia, os níveis de sexismo são altos. Isto é, quando os homens têm altos níveis de sexismo hostil, as mulheres têm um enorme incentivo para procurarem e aceitarem proteção masculina, de maneira a poderem

evitar hostilidade por parte dos mesmos. Não é, assim, surpreendente, que elas aceitem papéis de género convencionais, e que se conformem com tal, se isso as faz ser recompensadas com um sexismo benevolente, em vez de ser hostil. No entanto, estes resultados não deixam de ser irónicos, pois as mulheres procuram proteção dos membros do mesmo exato grupo que as oprime. O autor também explica como é que o sexismo benevolente serve de proteção para os próprios homens, pois o sexismo benevolente vem legitimar o sexismo hostil através de permitir que homens sexistas se vejam como protetores. Em resumo, o sexismo hostil e o benevolente aparecem juntos pois são uma expressão ideológica de um sistema complementar de recompensas e castigos, que elicitam as mulheres a cooperarem na sua própria subordinação, tal como referiu Jackman (1994, *cit in* Glick et al., 2000). O sexismo benevolente pode continuar a ter um importante papel na manutenção do sexismo mesmo em sociedades igualitárias, pois é uma adaptação aceitável aos nossos tempos do sexismo hostil, de forma a não ser facilmente questionado, mesmo dentro duma sociedade que já fala abertamente do sexismo como um problema a eliminar.

Outro estudo (Bohner et al., 2010) apresentou resultados que mostram que a aprovação, por parte das mulheres, de homens sexistas benevolentes, está relacionada com o próprio sexismo benevolente da mulher, e que este até potencia mesmo uma tolerância para com o sexismo hostil. Assim dizendo, os níveis de sexismo benevolente da própria mulher tornam-se um obstáculo contra o reconhecimento deste tipo de sexismo como algo errado. Este estudo também mostrou relação positiva entre as crenças feministas e a rejeição intensa do sexismo hostil e de homens que demonstram atitudes sexistas hostis. No entanto, relativamente a atitudes sexistas benevolentes, esta resistência era, mesmo assim, muito pouca. Por último, este estudo concluiu que as mulheres têm consciência de que este sexismo benevolente, que elas tanto parecem apreciar, tem por base o sexismo hostil, tal como no estudo referido anteriormente. A pergunta que fica é, será este padrão problemático?

“Does liking benevolent sexists but knowing they are rare birds strengthen the status quo of male dominance? When women say they like benevolent sexists, do they approve of those men who blamed victims of sexual violence in research by Abrams et al. (2003)? Do they support attitudes in men that lead to the kinds of remarks that hamper women's performance (Dardenne et al. 2007) or contribute to sexual harassment (Fiske and Glick 1995)?” (Bohner, G., Ahlborn, K., & Steiner, R., 2010).

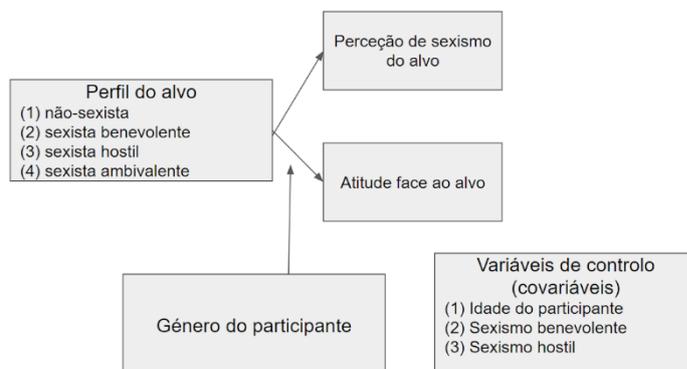
3. Presente estudo

O presente estudo tem como objetivo entender as perceções e atitudes dos adultos relativamente à expressão de diferentes formas de sexismo por parte de crianças do sexo masculino, e o papel moderador do género do participante. O estudo avalia, ainda, o papel do sexismo dos participantes nas suas perceções e atitudes face ao sexismo nas crianças.

Como hipóteses do presente estudo, relativamente à perceção de sexismo do alvo, quanto mais hostil e óbvia a expressão de sexismo, maior perceção por parte do participante. Ou seja, espera-se uma maior perceção do sexismo no perfil sexista hostil, do que no sexista benevolente, por exemplo. Ainda nesta linha de pensamento, o perfil não sexista seria o perfil melhor percecionado, pois no fim de contas, não contém respostas sexistas.

Noutra linha de pensamento, espera-se que o género feminino se destaque mais a perceber o sexismo, mesmo no perfil benevolente, relativamente ao género masculino.

O modelo do estudo é apresentado na Figura XXX:



CAPÍTULO 3

Método

Participantes

Participaram no estudo 217 portugueses, com uma média de idades de 32,1 anos, tendo o participante mais novo 11 anos e o mais velho 82 anos. Foi obtido um desvio padrão de 12,5 anos. Mais de metade da amostra analisada era do género feminino (60,4%) e relativamente à localidade onde cresceram, a maioria dos participantes referiu viver em zonas urbanas. Já sobre identidade religiosa, 40,1% dos participantes identificam-se como cristãos católicos comparativamente a 27,2% que se identificam como agnósticos.

Observou-se ainda que a maioria (41,9%) dos participantes são solteiros e que apenas 18,9% são casados. No que diz respeito ao número de filhos, 68,2% dos participantes não tem filhos e dos que têm filhos, a maioria (15,7%) tem um filho.

Como é possível observar na Figura 1, a maioria dos participantes (41,5%) refere ter uma situação económica superior à média do país onde vive e apenas 21,2% refere ter uma situação económica inferior à média.

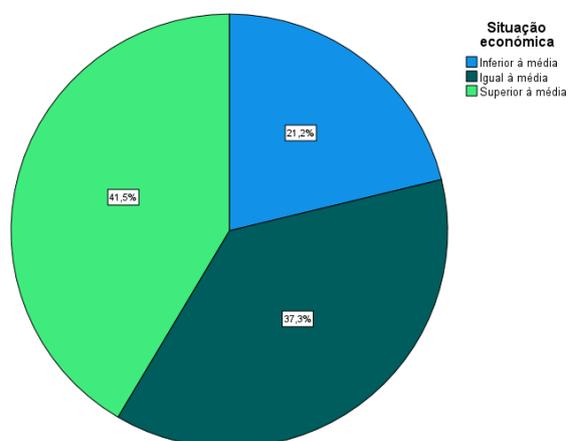


Figura 1 – Situação económica dos participantes.

Desenho do estudo

Trata-se de um estudo com um desenho quase-experimental, 4 (Perfil do Alvo: não sexista vs. sexista benevolente vs. sexista hostil vs. sexista ambivalente) X 2 (Género do participante: Feminino vs. Masculino). Manipulou-se a variável Perfil do Alvo com aleatorização dos participantes pelas

condições experimentais. São variáveis dependentes a percepção dos participantes relativamente ao sexismo dos perfis, e a atitude face a cada perfil. Controlou-se e analisou-se, ainda, o sexismo benevolente, o sexismo hostil e a idade dos participantes.

Perfis dos alvos

Relativamente ao perfil do alvo, começou por se criar quatro perfis representando uma criança do sexo masculino, com 12 anos de idade; mais concretamente, um perfil não-sexista, sexista benevolente, sexista hostil e sexista ambivalente. Neste perfil foi apresentado um questionário, que inclui dez questões retiradas do Inventário de Sexismo Ambivalente para Adolescentes (Lemus et al., 2008; Errata, 2008), onde cinco delas avaliam o sexismo benevolente e as restantes cinco avaliam o sexismo hostil. A escala de resposta era de 1 a 6 (1=discordo totalmente; 6=concordo totalmente). Foram geradas quatro versões do questionário a partir do modelo (cada uma com 10 itens retirados do questionário original (Lemus et al., 2008; Errata, 2008) que continha 20 itens. Cada versão corresponde a um de quatro perfis de sexismo, concretamente o sexismo benevolente, sexismo hostil, sexismo ambivalente e não sexista). As respostas apresentadas em cada perfil foram baseadas nas respostas de crianças de um estudo realizado por Cavadas (2018), em Portugal, e agrupadas no presente estudo de forma a criar perfis distintos. Aos participantes foi apresentada apenas uma versão, aleatoriamente selecionada (ver anexos 1 a 4).

Instrumentos

1. Inventário de Sexismo Ambivalente

O instrumento selecionado para este estudo foi a adaptação portuguesa (Costa et al., 2015) do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA; Glick & Fiske, 1996, 2001). O ISA é composto por 22 afirmações que representam crenças sexistas relativamente à relação entre homens e mulheres. Destas, 11 afirmações referem-se a uma forma benevolente de sexismo (e.g., “as mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens”) e 11 referem-se a uma forma hostil de sexismo (e.g., “as mulheres procuram obter poder através de controlo sobre os homens”). As respostas dos participantes foram avaliadas a partir de uma escala de *Likert* de 6 pontos (1 - “discordo totalmente” a 6 - “concordo totalmente”). As respostas dos participantes foram agregadas em duas variáveis, designadamente

‘sexismo benevolente’ e ‘sexismo hostil’, em que valores superiores indicam níveis mais elevados de sexismo.

Procedimento

Numa primeira fase do questionário, realizou-se o consentimento informado de modo a esclarecer o tema e objetivos do estudo aos participantes, explicando também que a participação era totalmente voluntária e deveria tomar, aproximadamente, 10 minutos. Esclareceu-se também que os dados recolhidos eram confidenciais e anónimos, e a análise dos dados iria ser realizada para o conjunto dos participantes e que, os resultados seriam utilizados para fins estritamente académicos e científicos. Também foi oferecido um sorteio de vouchers do LIDL, de modo a acelerar o processo e motivar as pessoas a participar no estudo. Por último, apresentou-se os contactos para qualquer questão que pudesse surgir posteriormente.

Numa segunda fase, apresentava-se aleatoriamente um dos perfis, e seguia-se o primeiro conjunto de perguntas sobre o perfil, apresentando onze perguntas sobre a perceção do adulto sobre a criança apresentada. Numa terceira fase, realizou-se um bloco de perguntas que avaliam a perceção do participante imaginando uma relação amorosa dessa mesma criança num futuro próximo. Este bloco continha vinte e quatro perguntas, apresentando atitudes e comportamentos positivos e negativos numa relação amorosa.

Numa quarta fase, utilizou-se o Inventário do Sexismo Ambivalente, que consiste em vinte afirmações, em que o participante tem de concordar ou discordar, numa escala de resposta de 1 a 6 (em que 1 é discordo totalmente e 6 é concordo totalmente). Este inventário tem como objetivo identificar o sexismo do participante, em que escala existe ou não, e caso exista, que tipo de sexismo mostra ser. De seguida, colocou-se duas perguntas de despiste, para ter a certeza da atenção do participante relativamente à idade e sexo da criança do perfil e, para concluir, criou-se um bloco de perguntas sociodemográficas, que consiste em dezassete questões de caracterização geral.

Este questionário (Anexo 14) foi distribuído por um público diverso, através da partilha do respetivo link nas redes sociais, tendo havido um ritmo de resposta bastante linear, rápido, tendo início em junho de 2022 e terminado aproximadamente apenas um mês depois.

CAPÍTULO 4

Resultados

Todas as análises foram realizadas através do *IBM SPSS v.27*, utilizando um nível de significância ≤ 0.050 .

De modo a avaliar a consistência interna de um conjunto de perguntas é possível calcular o coeficiente α de Cronbach. Para obter a consistência interna do conjunto de 22 perguntas utilizadas no questionário inicialmente apresentado aos participantes, foi retirado do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA; Glick & Fiske, 1996, 2001) e dividido em duas versões.

Portanto, medindo a consistência interna do conjunto das perguntas 1 à 11 do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA; Glick & Fiske, 1996, 2001), obteve-se $\alpha = 0,854$ e para o segundo conjunto de perguntas, da 12 à 22, obteve-se $\alpha = 0,874$ (Anexo 12).

Relativamente ao conjunto de perguntas que tinham como objetivo avaliar a atitude dos adultos relativamente aos perfis apresentados, foi medida também a sua consistência interna, tendo resultado em $\alpha = 0,958$ (Anexo 13).

De modo a analisar os efeitos nas variáveis dependentes, que neste estudo foram duas, sendo essas a percepção de sexismo do alvo e a atitude face ao alvo, foi utilizada uma análise de variância multivariada com duas variáveis independentes categóricas, o perfil do alvo e o género, utilizando covariáveis de modo a eliminar o efeito destas na relação entre as variáveis independentes e as variáveis dependentes. Foram consideradas como covariáveis o sexismo hostil, o sexismo benevolente, a idade e a situação económica percebida dos participantes.

Pela observação do Anexo 1 pode verificar-se que dos 217 indivíduos, a maioria (64 participantes) apresenta um perfil sexista ambivalente, enquanto que a minoria (44 participantes) tem um perfil não sexista. Pelo Anexo 2 pode observar-se que dos 64 indivíduos com perfil sexista ambivalente, 37 são do sexo feminino e 27 do sexo masculino e que dos 44 indivíduos com perfil não sexista, 27 são do sexo feminino e 17 do sexo masculino.

Na tabela dos testes univariados para o efeito do perfil (Anexo 5) pode observar-se que, para a percepção do sexismo do alvo os resultados são estatisticamente significativos indicando haver diferenças significativas entre categorias dos perfis ($Z=24,751$; $p<0,001$). Os resultados obtidos na tabela de comparações múltiplas (Anexo 5) permitem concluir que para a variável percepção do sexismo do alvo existem diferenças significativas entre os valores médios das respostas: do perfil não sexista ($M = 2,568$; $DP = 1,301$) e dos perfis sexista hostil ($M = 4,220$; $DP = 1,204$) ($p<0,001$) e ambivalente ($M = 3,984$; $DP = 1,253$) ($p<0,001$); do perfil sexista benevolente ($M= 2,640$; $DP= 1,208$) e dos perfis sexista hostil ($M= 4,220$; $M = 1,204$) ($p<0,001$) e ambivalente ($M = 3,984$; $DP = 1,253$) ($p<0,001$). Resultados evidenciados na Figura 2.

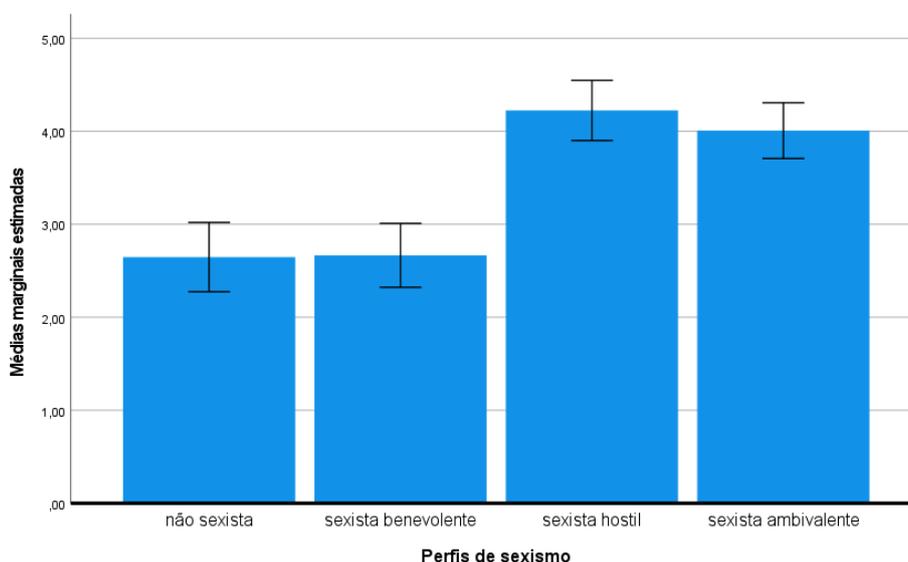


Figura 2 – Médias marginais estimadas para a variável percepção de sexismo do alvo.

Ainda na tabela dos testes univariados para o efeito do perfil (Anexo 5) pode observar-se que, para a atitude face ao alvo, os resultados são estatisticamente significativos indicando haver diferenças significativas entre categorias dos perfis ($Z=25,156$; $p<0,001$). Pode ainda concluir-se pelos resultados da tabela de comparações múltiplas (Anexo 5) que para a variável atitude face ao alvo existem diferenças significativas entre os valores médios das respostas: do perfil não sexista ($M = 4,121$; $DP=1,501$) e dos perfis sexista hostil ($M =2,492$; $DP=1,162$) ($p=0,000 < 0,05$), e ambivalente ($M = 2,974$; $DP = 1,200$) ($p=0,000 < 0,05$); do perfil sexista benevolente ($M = 4,340$; $DP = 1,183$) e dos perfis sexista hostil ($M = 2,492$; $DP = 1,162$) ($p=0,000 < 0,05$) e ambivalente ($M = 2,974$; $DP = 1,200$) ($p=0,000 < 0,05$); do perfil hostil ($M = 2,492$; $DP = 1,162$) e do ambivalente ($M = 2,974$; $DP = 1,200$) ($p=0,033 < 0,05$). Resultados evidenciados na Figura 3.

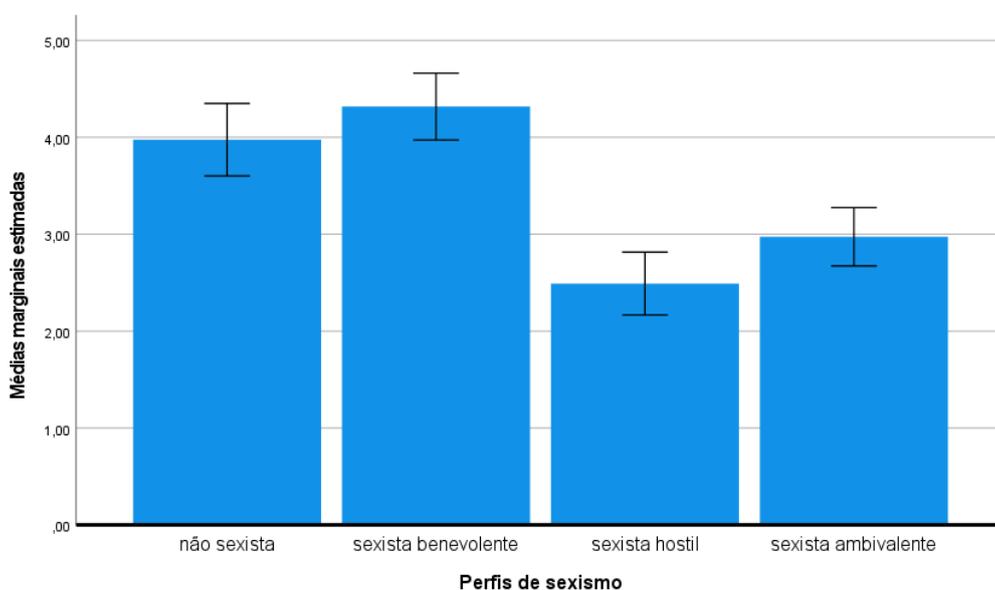


Figura 3 – Médias marginais estimadas para a variável atitude face ao alvo.

Na tabela dos efeitos entre sujeitos (Anexo 4) verificamos que, apenas para a variável atitude face ao alvo, existe um efeito significativo na interação entre o perfil e o género ($Z=5,187$; $p<0,01$), o que permite concluir que o efeito do perfil está associado ao género. Assim, pela tabela das médias marginais estimadas para esta variável, por perfis e por género (Anexo 7), podemos observar que os participantes do género feminino e masculino avaliam de igual forma o alvo relativamente a todos os perfis, com exceção do perfil não sexista, relativamente ao qual as mulheres expressam uma avaliação mais favorável do que os homens (Figura 4).

Os resultados permitem verificar que, quer o perfil ($p<0,001$), quer a interação entre o perfil e o género ($p<0,01$), são estatisticamente significativos, quer a covariável sexismo hostil também apresenta um resultado estatisticamente significativo ($p<0,01$).

Ainda sobre a covariável sexismo hostil, na tabela dos efeitos entre sujeitos, obteve-se um resultado estatisticamente significativo, quer para a variável perceção de sexismo do alvo ($p=0,000 < 0,05$), quer para a variável atitude face ao alvo ($p<0,05$). O que permite concluir que alterações no valor da covariável sexismo hostil estejam associadas a alterações no valor médio para ambas as variáveis dependentes.

Uma vez que na tabela dos testes multivariados a interação entre o perfil e o género é estatisticamente significativa ($p<0,01$), permite concluir que o efeito do perfil está associado ao género. Na tabela dos efeitos entre sujeitos verificamos que, apenas para a variável atitude face ao alvo, existe um efeito significativo na interação entre o perfil e o género ($p<0,01$). Assim, pela tabela das médias marginais

estimadas para esta variável, por perfis e por género, podemos observar que os participantes do género feminino e masculino avaliam de igual forma o alvo relativamente a todos os perfis, com exceção do perfil não sexista, relativamente ao qual as mulheres expressam uma avaliação mais favorável do que os homens.

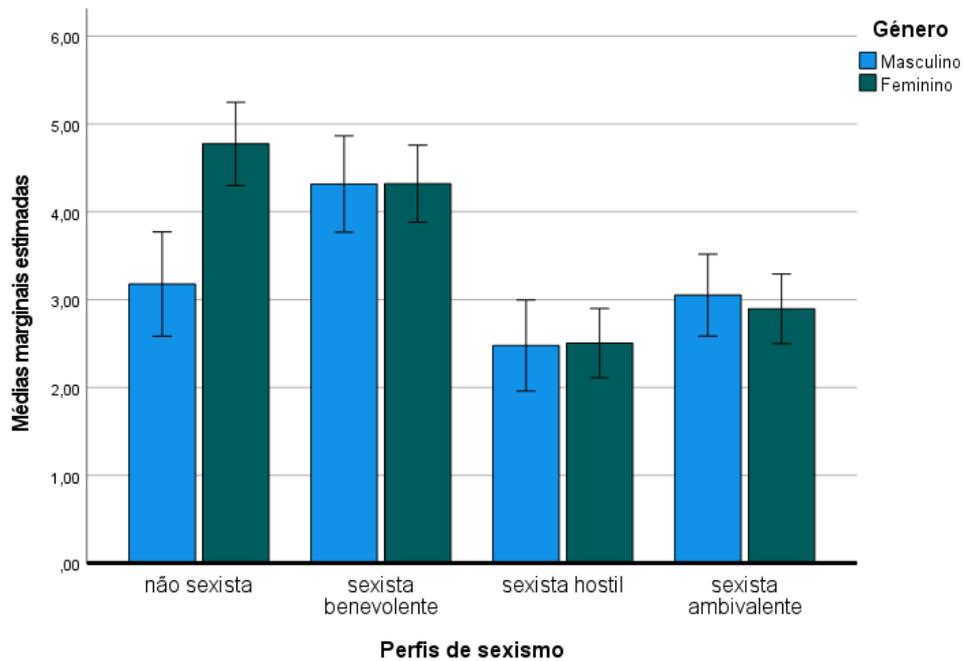


Figura 4 – Médias marginais estimadas para a variável atitude face ao alvo.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo entender de que forma é percebido, pela população adulta, o sexismo nas crianças do sexo masculino, nas suas diferentes expressões, e também, entender de que forma essa percepção interfere na atitude face à mesma criança e na sua opinião sobre como será esta criança numa relação amorosa futura. Também se quer entender o papel moderador do género do participante. O estudo avalia, ainda, o papel do próprio sexismo benevolente e hostil dos participantes nas suas percepções e atitudes face ao sexismo nas crianças.

Como hipóteses do presente estudo, sobre a percepção de sexismo do alvo, esperava-se realmente que quanto mais obviamente hostil fosse a expressão de sexismo, maior percepção do participante, quer fosse do género masculino ou feminino. Ou seja, quer isto dizer que relativamente a perceber o sexismo no alvo, esperava-se resultados superiores nos perfis hostis comparativamente aos perfis benevolentes, pois estes últimos estão associados a características mais “positivas”. Esta hipótese foi suportada no presente estudo. Por outro lado, esperava-se que o perfil mais positivamente percebido fosse o perfil não sexista por não possuir nenhuma resposta sexista, no entanto esta hipótese não foi suportada no presente estudo, pois o perfil com uma avaliação mais positiva pelos participantes foi o perfil sexista benevolente. Outra hipótese não suportada foi a de se verificarem diferenças a nível do género na percepção de sexismo nos perfis.

É importante referir alguns estudos anteriores: as considerações de Glick e Fiske (1996) que apresentaram um novo conceito, o sexismo ambivalente, e a sua escala de medição (ASI, 1996), utilizada neste estudo. Estes autores vieram mostrar que, em geral, existe uma alta consistência em diversas culturas, relativamente a alguns domínios do sexismo: na estrutura do instrumento que criaram (Ambivalent Sexism Inventory, 1996), na tendência das mulheres, comparativamente com os homens, rejeitarem mais o sexismo hostil do que o benevolente, e na associação do sexismo benevolente com estereótipos mais positivos e o sexismo hostil com mais negativos, Estes resultados explicam, em parte, os do presente estudo. Devido à tendência das mulheres de rejeitarem mais o sexismo hostil do que o sexismo benevolente, e, devido à associação do sexismo benevolente a estereótipos positivos, como por exemplo um homem demonstrar ser cavalheiro é considerado ainda educação, ao invés de ser visto como uma atitude meramente paternalista, existe uma óbvia dificuldade em rejeitar o sexismo como um todo. Resumidamente, existiram semelhanças do presente estudo com o de Glick e Fiske (1996), pois também neste estudo se revelou uma tendência, por parte das mulheres, para rejeitarem mais o sexismo hostil do que o benevolente.

Os perfis que mais discordaram na pergunta “Este perfil é sexista?” foram no perfil não sexista, e logo seguido do benevolente.

Outro estudo importante de referir é o de Bohner (2010), que procurou estudar a *likability* e a tipicidade de cada homem apresentado, sendo cada um deles não sexista, sexista ambivalente, sexista benevolente e sexista hostil, perfis estes que reproduzimos no presente estudo. Para apresentar cada perfil de homem, Bohner utilizou a Escala de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996,) exposta anteriormente. Este estudo mostrou que o perfil sexista benevolente foi o com níveis maiores de *likability*, sendo que o sexista ambivalente foi o mais típico. Isto vem de encontro aos resultados expostos anteriormente sobre a rejeição do sexismo hostil ser muito superior a do sexismo benevolente, tanto que o sexismo benevolente é visto neste estudo como algo *likable*. Também foi demonstrado que as mulheres tinham noção da ligação entre o sexismo hostil e benevolente, e até aprovaram o sexismo benevolente, principalmente quando não vinha agregado a sexismo hostil. Os níveis de *likability* foram moderados pelo próprio sexismo benevolente e atitudes feministas de cada participante.

Com efeito, pudemos concluir que também no presente estudo o perfil sexista benevolente foi o mais aceite, e o perfil mais típico foi o perfil hostil, sendo o perfil ambivalente o que o segue, o que demonstrou não existir diferenças significativas entre ambos. Não sexista teve o menor grau de concordância. Também neste estudo foi demonstrado que as mulheres percecionavam a ligação entre sexismo benevolente e hostil, no entanto aprovavam o sexismo benevolente, principalmente quando este não vinha com sinais de hostilidade. No caso do presente estudo, os níveis de aceitação foram moderados pelo género, e pelo próprio sexismo hostil e benevolente de cada participante. No entanto, não veio ao encontro das hipóteses do estudo, que não expectavam uma aceitação por parte das mulheres, do sexismo benevolente, mesmo sabendo da sua ligação com o sexismo hostil.

Estes resultados permitem concluir que, em geral, os participantes avaliam mais positivamente e consideram mais equivalentes o perfil não sexista e sexista benevolente. Participantes com níveis mais elevados de sexismo benevolente avaliam de forma igualmente desfavorável o perfil não sexista e sexista hostil relativamente à expressão de carinho e companheirismo numa relação futura. Os resultados são discutidos no quadro do papel dos adultos no desenvolvimento e expressão do sexismo na infância e as suas implicações para as relações amorosas futuras.

Já relativamente à implicação deste sexismo precoce nas relações amorosas futuras, foi observado que o perfil sexista benevolente e não sexista eram os melhores perspetivados dentro duma relação amorosa, com tendências mais companheiras e carinhosas. O mais negativamente perspetivado foi o perfil da criança sexista hostil, seguido do considerado mais típico, o perfil sexista ambivalente.

Esta descoberta poderá traduzir-se numa dificuldade em combater o sexismo por inteiro, visto ser tão aceite e até preferido, certas atitudes paternalistas que fazem parte do sexismo benevolente, vistas até mais positivamente do que uma atitude completamente não sexista.

Deste modo, os resultados dos estudos de Bohner (2010) corroboram os resultados obtidos. Neste sentido, um resultado particularmente interessante tendo em conta a literatura, foi a preferência pelo perfil sexista benevolente, ao invés do não sexista. Isto demonstra a habituação que temos, enquanto sociedade, dos maneirismos cavalheirescos e paternais, por parte dos homens, desde tenra idade. Um estudo que também se viu com estes resultados, foi o de Barreto e Ellemers (2005). Este estudo confirmou que os sexistas benevolentes eram avaliados mais positivamente do que sexistas hostis, pois eles são menos prováveis de ser vistos como sexistas. Este processo de julgamento ocorre relativamente independente das respostas emocionais para com sexismo hostil ou benevolente. Claramente haviam diferenças entre o presente estudo e este, pois no presente estudo eram perfis de crianças e no estudo de Barreto e Ellemers (2005) eram respostas de adultos. Já no presente estudo, as hipóteses não prediziam tais resultados, e no de Barreto e Ellemers (2005).

É de enfatizar também a perspetiva de Glick e Fiske (1996), que fundamentam este resultado e toda esta tese, com o conceito de sexismo ambivalente, que tal como no estudo de Bohner (2009), aqui se apresentou como o perfil mais típico. Ou seja, mesmo sem a maioria das pessoas saber exatamente o que é o sexismo ambivalente, conseguem observar a ambivalência do sexismo dos dias de hoje, o que poderia ajudar a combater o mesmo, se não houvesse uma óbvia preferência, nos resultados deste estudo, pelo perfil sexista benevolente. Mais uma vez, isto vem de encontro ao estudo de Barreto e Ellemers (2005), referido no parágrafo anterior, que também observou a uma avaliação mais positiva dos sexistas benevolentes, e onde este resultado foi discutido enquanto perpetrador da desigualdade de género. Mais uma vez, os resultados de Bohner (2009) aproximam-se também, pois mostraram uma maior *likability*, por parte das mulheres, de homens com uma atitude benevolente.

Por sua vez, no que diz respeito à perceção das restantes dimensões, os resultados permitem auferir que não existiram diferenças significativas a nível do género ao nível da perceção de sexismo no alvo, mas existiram na atitude face ao alvo. Relativamente ao perfil sexista benevolente e ao hostil, tanto o género masculino como feminino avaliaram os alvos igualmente, no entanto relativamente ao perfil sexista ambivalente já se observou diferenças e no perfil não sexista a diferença foi significativa. Relativamente à variável atitude face ao alvo existiram diferenças significativas entre os valores médios das respostas: do perfil não sexista e dos perfis sexista hostil, e ambivalente; do perfil sexista

benevolente e dos perfis sexista hostil e ambivalente; do perfil hostil e do ambivalente. Tal como em literatura antecedente, houve uma maioria da população do sexo feminino a participar neste estudo,

Em resumo, o presente estudo teve como objetivo principal avaliar a forma como os adultos percebem a expressão de diferentes formas de sexismo por parte de crianças do sexo masculino. A Teoria do Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996) propõe que existem nas sociedades contemporâneas dois tipos de sexismo: o sexismo hostil (ex., paternalismo dominador) e o sexismo benevolente (ex., paternalismo protetor). A partir destes dois tipos de sexismo é possível identificar quatro tipos distintos de posicionamentos individuais, que também podem ser identificados em crianças: (1) não-sexismo = níveis baixos de sexismo hostil e benevolente; (2) sexismo benevolente = níveis baixos de sexismo hostil e elevados de sexismo benevolente; (3) sexismo ambivalente = níveis elevados de sexismo hostil e benevolente; (4) sexismo hostil = níveis elevados de sexismo hostil e baixos de sexismo benevolente.

Neste estudo apresentámos-lhe um questionário fictício de uma criança de 12 anos cujas respostas remetiam para um dos quatro posicionamentos acima indicados. A cada participante do estudo foi apresentado, aleatoriamente, um dos quatro perfis. Embora tratando-se de um questionário fictício, as respostas são consistentes com aquelas encontradas em Portugal, no estudo de Cavadas (2019).

Deste modo, foi possível analisar se os adultos avaliam de forma distinta os quatro perfis apresentados, e em que medida estas avaliações são influenciadas por aquelas que são as suas próprias crenças relativamente às características das mulheres e dos homens. Os resultados do presente estudo permitem concluir que a sociedade está atenta à mutação do sexismo para um sexismo mais socialmente aceite, no entanto, isto não faz com que a mesma se preocupe com esta nova versão de sexismo, aceitando-o em demasia. Os nossos resultados permitem concluir, que mesmo interpretando o sexismo benevolente como uma segunda parte do sexismo hostil, este é o perfil preferido e considerado mais amistoso, estando à frente do perfil não sexista, mesmo que por pouco. O sexista benevolente é associado a estereótipos mais positivos, como o cavalheirismo, ainda visto como uma qualidade mas que advém de uma ideia paternalista da mulher, como já referido anteriormente. No entanto, mesmo observando-se uma certa reticência em negar o sexismo benevolente, relativamente ao hostil, encontrou-se uma forte rejeição, tanto por parte do género feminino e masculino. Isto mostra que os participantes entendem o sexismo como um conceito de dois polos e conseguem observar a ambivalência do próprio conceito, ou seja, quantos menos traços de hostilidade apresentarem, mais aceite vai ser o perfil, seja benevolente, ambivalente ou não sexista.

Limitações e estudos futuros

Como limitação do nosso estudo, que começou a ser realizado numa altura em que o COVID-19 estaria muito ativo, houve então limitações de acesso às escolas e deste modo, às crianças. Isso impediu métodos de estudo *in person*a, onde pudéssemos ter distribuído um questionário a crianças reais em vez de o criar, com base em respostas de outro estudo (Cavadas, 2018). Dessa forma, sugerimos, em estudos futuros o uso de métodos qualitativos que possam envolver os contributos das crianças, *in person*a.

Referências Bibliográficas

- Aikawa, M., & Stewart, A. L. (2020). Men's parenting as an intergroup phenomenon: The influence of group dominance, sexism, and beliefs about children on fathering attitudes. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(1), 69–80. <https://doi.org/10.1037/men0000213>
- Anacona, C. A. R., Cruz, Y. C. G., Jiménez, V. S., & Guajardo, E. S. (2017). Sexismo y agresiones en el noviazgo en adolescentes españoles, chilenos y colombianos. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 25, 297-314.
- Barreto, M., & Ellemers, N. (2005). The burden of benevolent sexism: How it contributes to the maintenance of gender inequalities. *European Journal of Social Psychology*, 35(5), 633–642. <https://doi.org/10.1002/ejsp.270>
- Barreto, M., Ellemers, N., Cihangir, S., & Stroebe, K. (2014). The self-fulfilling effects of contemporary sexism: How it affects women's well-being and behavior. *The Glass Ceiling in the 21st Century: Understanding Barriers to Gender Equality.*, 99–123. <https://doi.org/10.1037/11863-005>
- Bohner, G., Ahlborn, K., & Steiner, R. (2009). How sexy are sexist men? women's perception of male response profiles in the Ambivalent Sexism Inventory. *Sex Roles*, 62(7-8), 568–582. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9665-x>
- Calder-Dawe, O. (2015). The choreography of everyday sexism: Reworking sexism in interaction. *New Formations*, 86(86), 89–105. <https://doi.org/10.3898/newf.86.05.2015>
- Cantante, F. (2014). Gender inequalities at the top of the wage distribution in Portugal. <https://doi.org/10.15847/ciesodwp012014>
- Cavadas, M. (2018). Development of Ambivalent Sexism and Gender Stereotypes among Children and Adolescents: Effects on Behavioral Intention to Stereotypic Task Division. IUL School of Social Sciences.
- Comissão para a Cidadania e a igualdade de género. CIG. (n.d.). Retrieved October 31, 2022, from <https://www.cig.gov.pt/>

- Connelly, K., & Heesacker, M. (2012). Why is benevolent sexism appealing? *Psychology of Women Quarterly*, 36(4), 432–443. <https://doi.org/10.1177/0361684312456369>
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H., & Leal, I. (2015). Adaptação dos Inventários de sexismo Moderno Para Portugal: O Inventário de sexismo ambivalente e o inventário de ambivalência em relação aos homens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 126–135. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528114>
- de Lemus et al. (2008). Elaboración y validación del Inventario de Sexismo Ambivalente para Adolescentes 1. *International Journal of Clinical and Health Psychology* 8(2), 537-562.
- de Lemus, S., Moya, M., & Glick, P. (2010). When contact correlates with prejudice: Adolescents' romantic relationship experience predicts greater benevolent sexism in boys and hostile sexism in girls. *Sex Roles*, 63(3-4), 214–225. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9786-2>
- Fe de errata, E. (2011). Fe de errata. *Revista Mexicana De Biodiversidad*, 82(3). <https://doi.org/10.22201/ib.20078706e.2011.3.708>
- Ferreira, M. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(21), 119–126.
- Galambos, N. L., Petersen, A. C., Richards, M., & Gitelson, I. B. (1985). The attitudes toward women scale for adolescents (AWSA): A study of reliability and validity. *Sex Roles*, 13(5-6), 343–356. <https://doi.org/10.1007/bf00288090>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). Ambivalent sexism inventory. *PsycTESTS Dataset*. <https://doi.org/10.1037/t00700-000>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). Ambivalent sexism. *Advances in Experimental Social Psychology* Volume 33, 115–188. [https://doi.org/10.1016/s0065-2601\(01\)80005-8](https://doi.org/10.1016/s0065-2601(01)80005-8)

- Glick, P. et al. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 763–775. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.5.763>
- Gonçalves, G., Orgambídez-Ramos, A., Giger, J.-C., Santos, J., & Gomes, A. (2015). Validity evidence of the Portuguese adaptation of the Ambivalent Sexism Inventory / evidencias de Validez de la Adaptación Portuguesa de la Escala de sexismo ambivalente. *Revista De Psicología Social*, 30(1), 152–181. <https://doi.org/10.1080/02134748.2014.991518>
- Grose, R. G., Grabe, S., & Kohfeldt, D. (2014). Sexual education, gender ideology, and youth sexual empowerment. *Journal of Sex Research*, 51, 742–753. <https://doi.org/10.1080/00224499.2013.809511>
- Hammond, M. D., & Cimpian, A. (2020). “wonderful but weak”: Children’s ambivalent attitudes toward women. *Sex Roles*, 84(1-2), 76–90. <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01150-0>
- Hammond, M. D., Overall, N. C., & Cross, E. J. (2016). Internalizing sexism within close relationships: Perceptions of intimate partners’ benevolent sexism promote women’s endorsement of benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 110(2), 214–238. <https://doi.org/10.1037/pspi0000043>
- Hopkins-Doyle, A., Sutton, R. M., Douglas, K. M., & Calogero, R. M. (2019). Flattering to deceive: Why people misunderstand benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 116(2), 167–192. <https://doi.org/10.1037/pspa0000135>
- Hyers, L. L. (2007). Resisting prejudice every day: Exploring women’s assertive responses to anti-black racism, Anti-Semitism, heterosexism, and sexism. *Sex Roles*, 56(1-2), 1–12. <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9142-8>
- Kilianski, S. & Rudman, L. (1998). Wanting It Both Ways: Do Women Approve of Benevolent Sexism?. *Sex Roles*, 39(5/6).
- Leaper, C., & Brown, C. S. (2008). Perceived experiences with sexism among adolescent girls. *Child Development*, 79(3), 685–704. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2008.01151.x>

- Mallett, R. K., Ford, T. E., & Woodzicka, J. A. (2016). What did he mean by that? humor decreases attributions of sexism and confrontation of sexist jokes. *Sex Roles, 75*(5-6), 272–284. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0605-2>
- Marshall, L. L. (1992). Development of the severity of violence against women scales. *Journal of Family Violence, 7*(2), 103–121. <https://doi.org/10.1007/bf00978700>
- Martin, C. L., & Ruble, D. N. (2010). Patterns of gender development. *Annual Review of Psychology, 61*(1), 353–381. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100511>
- Mesquita Filho, M., Eufrásio, C., & Batista, M. A. (2011). Estereótipos de Gênero E sexismo Ambivalente em Adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. *Saúde e Sociedade, 20*(3), 554–567. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902011000300003>
- Montañés, P., et al. (2012). Intergenerational transmission of benevolent sexism from mothers to daughters and its relation to daughters' academic performance and goals. *Sex Roles, 66*(7-8), 468–478. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0116-0>
- Montañés, P., Lemus, S. de, Moya, M., Bohner, G., & Megías, J. L. (2013). How attractive are sexist intimates to adolescents? the influence of sexist beliefs and relationship experience. *Psychology of Women Quarterly, 37*(4), 494–506. <https://doi.org/10.1177/0361684313475998>
- Montañés, P., Megías, J. L., De Lemus, S., & Moya, M. (2015). Influence of early romantic relationships on adolescents' sexism / sexismo en la adolescencia: Influencia de las primeras relaciones de pareja. *Revista De Psicología Social, 30*(2), 219–240. <https://doi.org/10.1080/21711976.2015.1016756>
- Ohanmamooreni, A. (2013). *There's nothing "micro" about it: The effect of sexist humor on the expression of micro-aggressions*. Graduate School of Western Carolina University.
- Ramiro-Sánchez, T., Ramiro, M. T., Bermúdez, M. P., & Buena-Casal, G. (2018). Sexism in adolescent relationships: A systematic review. *Psychosocial Intervention, 27*(3), 123–132. <https://doi.org/10.5093/pi2018a19>
- Reduction of sexist attitudes, romantic myths, and ... - PSICOTHEMA*. (n.d.). Retrieved November 5, 2022, from <https://www.psicothema.com/pdf/4523.pdf>

Reyes, H. L., Foshee, V. A., Niolon, P. H., Reidy, D. E., & Hall, J. E. (2016). Gender role attitudes and male adolescent dating violence perpetration: Normative beliefs as moderators. *Journal of Youth Adolescence*, 45, 350-360. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0278-0>

Rothman, E. et al. (2019). Perceptions of Community Norms and Youths' Reactive and Proactive Dating and Sexual Violence Bystander Action. *Am J Community Psychol*, 63, 122–134.

Silva, M. C. (2016). *Desigualdades e políticas de Género*. Húmus.

Sousa, C., Gonçalves, G., Reis, M., & Santos, J. V. (2015). Evidências Métricas da Adaptação da Escala de Inteligência cultural Numa Amostra Portuguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 232–241. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528203>

Spears Brown, C., & Bigler, R. S. (2004). Children's perceptions of gender discrimination. *Developmental Psychology*, 40(5), 714–726. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.40.5.714>

Sustainable development report 2022. Sustainable Development Report 2022. (n.d.). Retrieved November 1, 2022, from <https://dashboards.sdgindex.org/>

Weatherall, A. (2016). Language and gender. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*, 1–5. <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss145>

Wetherell, M., Stiven, H., & Potter, J. (1987). UNEQUAL EGALITARIANISM: A preliminary study of discourses concerning gender and employment opportunities. *British Journal of Social Psychology*, 26(1), 59–71. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1987.tb00761.x>

Yee, M., & Brown, R. (1994). The development of gender differentiation in young children. *British Journal of Social Psychology*, 33(2), 183–196. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1994.tb01017.x>

Anexo 3

Perfil ambivalente – exemplo

Escola: _____
 Turma: 2
 Idade: 10

	1 Discordo totalmente	2 Discordo	3 Discordo um pouco	4 Concordo um pouco	5 Concordo	6 Concordo totalmente
1. Um rapaz pode sentir-se sozinho se não namorar com uma rapariga.				X		
2. As raparigas devem ajudar mais as suas mães em casa do que os rapazes.				X		
3. As raparigas dizem que querem ser tratadas como os rapazes para conseguirem ter mais poder que os rapazes.				X		
4. Um bom namorado deve deixar de fazer coisas que gosta se estas não agradarem à sua namorada.				X		
5. As raparigas exageram os seus problemas.				X		
6. As raparigas são melhores que os rapazes a perceber como é que as pessoas se sentem.					X	
7. As raparigas devem ser acarinhadas e protegidas, pelos rapazes.					X	
8. Quando há um acidente, as raparigas devem ser salvas antes dos rapazes.				X		
9. Os rapazes são mais fortes que as raparigas.				X		
10. As raparigas ficam chateadas muito facilmente.					X	

Anexo 4

Perfil não sexista – exemplo

Escola: E. B. 2.3. D. Riu
 Turma: 2
 Idade: 10

	1 Discordo totalmente	2 Discordo	3 Discordo um pouco	4 Concordo um pouco	5 Concordo	6 Concordo totalmente
1. Quando há um acidente, as raparigas devem ser salvas antes dos rapazes.	X					
2. Um rapaz pode sentir-se sozinho se não namorar com uma rapariga.		X				
3. As raparigas dizem que querem ser tratadas como os rapazes para conseguirem ter mais poder que os rapazes.	X					
4. As raparigas são melhores que os rapazes a perceber como é que as pessoas se sentem.		X				
5. As raparigas exageram os seus problemas		X				
6. As raparigas devem ser acarinhadas e protegidas, pelos rapazes.			X			
7. Os rapazes são mais fortes que as raparigas.		X				
8. As raparigas ficam chateadas muito facilmente.			X			
9. As raparigas devem ajudar mais as suas mães em casa do que os rapazes.	X					
10. Um bom namorado deve deixar de fazer coisas que gosta se estas não agradarem à sua namorada.	X					

Anexo 5

Fatores entre sujeitos

		Rótulo de valor	N
Perfil	1,00	não sexista	44
	2,00	sexista benevolente	50
	3,00	sexista hostil	59
	4,00	sexista ambivalente	64
Gênero	1	Masculino	86
	2	Feminino	131

Anexo 6

Estatísticas Descritivas

	Perfil	Gênero	Média	Estatística do teste Padrão	N
AVAL_Sexis1	não sexista	Masculino	3,0000	1,32288	17
		Feminino	2,2963	1,23459	27
		Total	2,5682	1,30112	44
	sexista benevolente	Masculino	2,4000	1,27321	20
		Feminino	2,8000	1,15669	30
		Total	2,6400	1,20814	50
	sexista hostil	Masculino	4,0909	1,19160	22
		Feminino	4,2973	1,22168	37
		Total	4,2203	1,20441	59
	sexista ambivalente	Masculino	3,9259	1,32798	27
		Feminino	4,0270	1,21304	37
		Total	3,9844	1,25347	64
Total	Masculino	3,4302	1,43519	86	
	Feminino	3,4656	1,44806	131	
	Total	3,4516	1,43975	217	
AVAL_Atitu	não sexista	Masculino	3,4118	1,41681	17
		Feminino	4,5679	1,39846	27
		Total	4,1212	1,50123	44
	sexista benevolente	Masculino	4,5500	1,11489	20
		Feminino	4,2000	1,22428	30
		Total	4,3400	1,18281	50
	sexista hostil	Masculino	2,6212	1,16517	22
		Feminino	2,4144	1,16906	37
		Total	2,4915	1,16190	59
	sexista ambivalente	Masculino	3,2222	1,03775	27
		Feminino	2,7928	1,28944	37
		Total	2,9740	1,20010	64
Total	Masculino	3,4147	1,34109	86	
	Feminino	3,3740	1,54146	131	
	Total	3,3902	1,46226	217	

Anexo 7

Testes multivariados^a

Efeito		Valor	Z	gl de hipótese	Erro gl	Sig.	Eta parcial quadrado	Noncent. Parâmetro	Poder observado ^d
Intercepto	Rastreio de Pillai	,513	107,528 ^b	2,000	204,000	,000	,513	215,056	1,000
	Lambda de Wilks	,487	107,528 ^b	2,000	204,000	,000	,513	215,056	1,000
	Rastreio de Hotelling	1,054	107,528 ^b	2,000	204,000	,000	,513	215,056	1,000
	Maior raiz de Roy	1,054	107,528 ^b	2,000	204,000	,000	,513	215,056	1,000
PartSexHost	Rastreio de Pillai	,059	6,391 ^b	2,000	204,000	,002	,059	12,782	,899
	Lambda de Wilks	,941	6,391 ^b	2,000	204,000	,002	,059	12,782	,899
	Rastreio de Hotelling	,063	6,391 ^b	2,000	204,000	,002	,059	12,782	,899
	Maior raiz de Roy	,063	6,391 ^b	2,000	204,000	,002	,059	12,782	,899
PartSexBen	Rastreio de Pillai	,009	,935 ^b	2,000	204,000	,394	,009	1,869	,211
	Lambda de Wilks	,991	,935 ^b	2,000	204,000	,394	,009	1,869	,211
	Rastreio de Hotelling	,009	,935 ^b	2,000	204,000	,394	,009	1,869	,211
	Maior raiz de Roy	,009	,935 ^b	2,000	204,000	,394	,009	1,869	,211
Q29	Rastreio de Pillai	,000	,002 ^b	2,000	204,000	,998	,000	,004	,050
	Lambda de Wilks	1,000	,002 ^b	2,000	204,000	,998	,000	,004	,050
	Rastreio de Hotelling	,000	,002 ^b	2,000	204,000	,998	,000	,004	,050
	Maior raiz de Roy	,000	,002 ^b	2,000	204,000	,998	,000	,004	,050
Q38	Rastreio de Pillai	,015	1,582 ^b	2,000	204,000	,208	,015	3,164	,333
	Lambda de Wilks	,985	1,582 ^b	2,000	204,000	,208	,015	3,164	,333
	Rastreio de Hotelling	,016	1,582 ^b	2,000	204,000	,208	,015	3,164	,333
	Maior raiz de Roy	,016	1,582 ^b	2,000	204,000	,208	,015	3,164	,333
Profile	Rastreio de Pillai	,331	13,533	6,000	410,000	,000	,165	81,198	1,000
	Lambda de Wilks	,676	14,705 ^b	6,000	408,000	,000	,178	88,231	1,000
	Rastreio de Hotelling	,469	15,884	6,000	406,000	,000	,190	95,303	1,000
	Maior raiz de Roy	,448	30,585 ^c	3,000	205,000	,000	,309	91,755	1,000
Gênero	Rastreio de Pillai	,019	2,025 ^b	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415
	Lambda de Wilks	,981	2,025 ^b	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415
	Rastreio de Hotelling	,020	2,025 ^b	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415
	Maior raiz de Roy	,020	2,025 ^b	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415
Profile * Gênero	Rastreio de Pillai	,075	2,651	6,000	410,000	,016	,037	15,905	,861
	Lambda de Wilks	,926	2,680 ^b	6,000	408,000	,015	,038	16,080	,865
	Rastreio de Hotelling	,080	2,709	6,000	406,000	,014	,038	16,252	,869
	Maior raiz de Roy	,076	5,187 ^c	3,000	205,000	,002	,071	15,561	,922

a. Design: Intercepto + PartSexHost + PartSexBen + Q29 + Q38 + Profile + Gênero + Profile * Gênero

b. Estatística exata

c. A estatística é um limite superior em F, que gera um limite inferior no nível de significância.

d. Calculado usando alfa = ,05

Anexo 8

Testes de efeitos entre sujeitos

Origem	Variável dependente	Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.	Eta parcial quadrado	Noncent. Parâmetro	Poder observado ^c
Modelo corrigido	AVAL_Sexis1	153,415 ^a	11	13,947	9,714	,000	,343	106,854	1,000
	AVAL_Atitu	165,620 ^b	11	15,056	10,419	,000	,359	114,612	1,000
Intercepto	AVAL_Sexis1	114,109	1	114,109	79,477	,000	,279	79,477	1,000
	AVAL_Atitu	20,558	1	20,558	14,226	,000	,065	14,226	,964
PartSexHost	AVAL_Sexis1	18,429	1	18,429	12,836	,000	,059	12,836	,946
	AVAL_Atitu	7,457	1	7,457	5,160	,024	,025	5,160	,618
PartSexBen	AVAL_Sexis1	,241	1	,241	,168	,683	,001	,168	,069
	AVAL_Atitu	,885	1	,885	,612	,435	,003	,612	,122
Q29	AVAL_Sexis1	,003	1	,003	,002	,962	,000	,002	,050
	AVAL_Atitu	,006	1	,006	,004	,950	,000	,004	,050
Q38	AVAL_Sexis1	1,303	1	1,303	,907	,342	,004	,907	,158
	AVAL_Atitu	4,552	1	4,552	3,150	,077	,015	3,150	,423
Profile	AVAL_Sexis1	106,608	3	35,536	24,751	,000	,266	74,253	1,000
	AVAL_Atitu	109,057	3	36,352	25,156	,000	,269	75,469	1,000
Gênero	AVAL_Sexis1	4,062	1	4,062	2,829	,094	,014	2,829	,388
	AVAL_Atitu	5,276	1	5,276	3,651	,057	,017	3,651	,477
Profile * Gênero	AVAL_Sexis1	9,935	3	3,312	2,307	,078	,033	6,920	,575
	AVAL_Atitu	22,456	3	7,485	5,180	,002	,070	15,540	,922
Padrão	AVAL_Sexis1	294,327	205	1,436					
	AVAL_Atitu	296,235	205	1,445					
Total	AVAL_Sexis1	3033,000	217						
	AVAL_Atitu	2955,889	217						
Total corrigido	AVAL_Sexis1	447,742	216						
	AVAL_Atitu	461,855	216						

a. R Quadrado = ,343 (R Quadrado Ajustado = ,307)

b. R Quadrado = ,359 (R Quadrado Ajustado = ,324)

c. Calculado usando alfa = ,05

1. Média global

Variável dependente	Média	Estatística do teste Padrão	Intervalo de Confiança 95%	
			Limite inferior	Limite superior
AVAL_Sexis1	3,387 ^a	,085	3,220	3,553
AVAL_Atitu	3,440 ^a	,085	3,273	3,608

a. As covariáveis que aparecem no modelo são avaliadas nos seguintes valores: PartSexHost = 2,5397, PartSexBen = 2,5945, Q29 = 32,11, Q38 = 6,44.

Anexo 9 – Perfis dos Alvos (Profile)

Comparações por Método Pairwise

Variável dependente	(I) Profile	(J) Profile	Diferença média (I-J)	Estatística do teste Padrão	Sig. ^b	95% Intervalo de Confiança para Diferença ^b	
						Limite inferior	Limite superior
AVAL_Sexis1	não sexista	sexista benevolente	-,018	,259	,943	-,529	,492
		sexista hostil	-1,577*	,254	,000	-2,078	-1,076
		sexista ambivalente	-1,360*	,242	,000	-1,837	-,883
	sexista benevolente	não sexista	,018	,259	,943	-,492	,529
		sexista hostil	-1,559*	,237	,000	-2,026	-1,091
		sexista ambivalente	-1,342*	,231	,000	-1,798	-,886
	sexista hostil	não sexista	1,577*	,254	,000	1,076	2,078
		sexista benevolente	1,559*	,237	,000	1,091	2,026
		sexista ambivalente	,217	,224	,335	-,225	,658
	sexista ambivalente	não sexista	1,360*	,242	,000	,883	1,837
		sexista benevolente	1,342*	,231	,000	,886	1,798
		sexista hostil	-,217	,224	,335	-,658	,225
AVAL_Atitu	não sexista	sexista benevolente	-,342	,260	,190	-,854	,171
		sexista hostil	1,484*	,255	,000	,982	1,987
		sexista ambivalente	1,002*	,243	,000	,523	1,480
	sexista benevolente	não sexista	,342	,260	,190	-,171	,854
		sexista hostil	1,826*	,238	,000	1,357	2,295
		sexista ambivalente	1,343*	,232	,000	,886	1,801
	sexista hostil	não sexista	-1,484*	,255	,000	-1,987	-,982
		sexista benevolente	-1,826*	,238	,000	-2,295	-1,357
		sexista ambivalente	-,483*	,225	,033	-,926	-,039
	sexista ambivalente	não sexista	-1,002*	,243	,000	-1,480	-,523
		sexista benevolente	-1,343*	,232	,000	-1,801	-,886
		sexista hostil	,483*	,225	,033	,039	,926

Baseado em médias marginais estimadas

*. A diferença média é significativa no nível ,05.

b. Ajustamento para diversas comparações: Diferença Menos Significativa (equivalente a nenhum ajustamento).

Testes multivariados

	Valor	Z	gl de hipótese	Erro gl	Sig.	Eta parcial quadrado	Noncent. Parâmetro	Poder observado ^c
Rastreio de Pillai	,331	13,533	6,000	410,000	,000	,165	81,198	1,000
Lambda de Wilks	,676	14,705 ^a	6,000	408,000	,000	,178	88,231	1,000
Rastreio de Hotelling	,469	15,884	6,000	406,000	,000	,190	95,303	1,000
Maior raiz de Roy	,448	30,585 ^b	3,000	205,000	,000	,309	91,755	1,000

Cada F testa o efeito multivariado de Profile. Esses testes são baseados nas comparações por método pairwise linearmente independentes entre as médias marginais estimadas.

a. Estatística exata

b. A estatística é um limite superior em F, que gera um limite inferior no nível de significância.

c. Calculado usando alfa = ,05

Testes Univariados

Variável dependente		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.	Eta parcial quadrado	Noncent. Parâmetro	Poder observado ^a
AVAL_Sexis1	Contraste	106,608	3	35,536	24,751	,000	,266	74,253	1,000
	Padrão	294,327	205	1,436					
AVAL_Atitu	Contraste	109,057	3	36,352	25,156	,000	,269	75,469	1,000
	Padrão	296,235	205	1,445					

Cada F testa o efeito de Profile. Este teste é baseado nas comparações por método pairwise linearmente independentes entre as médias marginais estimadas.

a. Calculado usando alfa = ,05

Anexo 10 – Género dos participantes

Estimativas

Variável dependente	Género	Média	Estatística do teste Padrão	Intervalo de Confiança 95%	
				Limite inferior	Limite superior
AVAL_Sexis1	Masculino	3,548 ^a	,142	3,268	3,828
	Feminino	3,225 ^a	,112	3,004	3,446
AVAL_Atitu	Masculino	3,256 ^a	,142	2,975	3,537
	Feminino	3,624 ^a	,112	3,402	3,846

a. As covariáveis que aparecem no modelo são avaliadas nos seguintes valores:
PartSexHost = 2,5397, PartSexBen = 2,5945, Q29 = 32,11, Q38 = 6,44.

Comparações por Método Pairwise

Variável dependente	(I) Género	(J) Género	Diferença média (I-J)	Estatística do teste Padrão	Sig. ^a	95% Intervalo de Confiança para Diferença ^a	
						Limite inferior	Limite superior
AVAL_Sexis1	Masculino	Feminino	,323	,192	,094	-,056	,701
	Feminino	Masculino	-,323	,192	,094	-,701	,056
AVAL_Atitu	Masculino	Feminino	-,368	,192	,057	-,747	,012
	Feminino	Masculino	,368	,192	,057	-,012	,747

Baseado em médias marginais estimadas

a. Ajustamento para diversas comparações: Diferença Menos Significativa (equivalente a nenhum ajustamento).

Testes multivariados

	Valor	Z	gl de hipótese	Erro gl	Sig.	Eta parcial quadrado	Noncent. Parâmetro	Poder observado ^b
Rastreio de Pillai	,019	2,025 ^a	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415
Lambda de Wilks	,981	2,025 ^a	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415
Rastreio de Hotelling	,020	2,025 ^a	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415
Maior raiz de Roy	,020	2,025 ^a	2,000	204,000	,135	,019	4,049	,415

Cada F testa o efeito multivariado de Género. Esses testes são baseados nas comparações por método pairwise linearmente independentes entre as médias marginais estimadas.

a. Estatística exata

b. Calculado usando alfa = ,05

Testes Univariados

Variável dependente		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.	Eta parcial quadrado	Noncent. Parâmetro	Poder observado ^a
AVAL_Sexis1	Contraste	4,062	1	4,062	2,829	,094	,014	2,829	,388
	Padrão	294,327	205	1,436					
AVAL_Atitu	Contraste	5,276	1	5,276	3,651	,057	,017	3,651	,477
	Padrão	296,235	205	1,445					

Cada F testa o efeito de Género. Este teste é baseado nas comparações por método pairwise linearmente independentes entre as médias marginais estimadas.

a. Calculado usando alfa = ,05

Anexo 11

4. Profile * Gênero

Variável dependente	Profile	Gênero	Média	Estatística do teste Padrão	Intervalo de Confiança 95%	
					Limite inferior	Limite superior
AVAL_Sexis1	não sexista	Masculino	3,219 ^a	,300	2,627	3,810
		Feminino	2,076 ^a	,240	1,603	2,550
	sexista benevolente	Masculino	2,639 ^a	,278	2,092	3,187
		Feminino	2,693 ^a	,222	2,255	3,131
	sexista hostil	Masculino	4,246 ^a	,262	3,729	4,763
		Feminino	4,203 ^a	,199	3,811	4,595
	sexista ambivalente	Masculino	4,088 ^a	,235	3,623	4,552
		Feminino	3,928 ^a	,200	3,534	4,323
AVAL_Atitu	não sexista	Masculino	3,178 ^a	,301	2,585	3,772
		Feminino	4,774 ^a	,241	4,300	5,249
	sexista benevolente	Masculino	4,316 ^a	,279	3,767	4,865
		Feminino	4,320 ^a	,223	3,881	4,759
	sexista hostil	Masculino	2,478 ^a	,263	1,960	2,997
		Feminino	2,505 ^a	,200	2,112	2,899
	sexista ambivalente	Masculino	3,053 ^a	,236	2,587	3,518
		Feminino	2,897 ^a	,201	2,501	3,292

a. As covariáveis que aparecem no modelo são avaliadas nos seguintes valores: PartSexHost = 2,5397, PartSexBen = 2,5945, Q29 = 32,11, Q38 = 6,44.

Anexo 12

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,850	,854	11

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,870	,874	11

Anexo 13

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,958	,958	3

Anexo 14

1. Se tem 18 ou mais anos e gostaria de participar no estudo, selecione, por favor, a opção 'responder ao inquérito'. Agradecemos, desde já, a sua amável colaboração e contributo.

Responder ao inquérito (1)

Prefiro não participar (2)

2. De seguida, iremos apresentar um questionário respondido por uma criança de 12 anos, aluno de uma escola básica do 2.º e 3.º ciclos, que frequenta o 5º ano. Leia com toda a atenção as respostas dadas por esta criança.

Perfil A1

Q200 Leia com a máxima atenção as respostas dadas ao questionário por este rapaz de 12 anos. Procure formar uma impressão, imaginar como será. É muito importante que leia cada uma das respostas.

A seguir ao questionário, encontrará várias perguntas sobre este rapaz de 12 anos.

Q1 Considerando as respostas dadas por esta criança, rapaz, de 12 anos, indique, utilizando a escala disponibilizada, em que medida discorda / concorda das seguintes afirmações:

(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Discordo totalmente	Discordo	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo	Concordo totalmente
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)

A maioria dos

**rapazes é
assim. (1)**

**Esta
criança é
amável. (2)**

**Esta
criança é
agressiva.
(3)**

**Gostava
que o meu
filho fosse
assim. (4)**

**Esta
criança
tem ideias
sexistas.
(5)**

**Esta
criança
tem ideias
negativas
em relação
às
raparigas.
(6)**

**A maioria
das
pessoas
gosta de
crianças
assim. (7)**

**Gostava
que a
minha
filha
tivesse um
amigo
assim. (8)**

**Gostava
que o meu
filho**

tivesse um
amigo
assim. (9)

A maioria
dos
rapazes
pensa
assim. (10)

Esta
criança
tem ideias
positivas
em relação
às
raparigas
(11)

Start of Block: Perceção da Relação Amorosa

Q41 Em seguida, gostaríamos que imaginasse este rapaz numa relação de namoro, quando tiver 16 anos. Como imagina essa relação? Para tal, indique em que medida concorda/discorda de cada uma das afirmações apresentadas.

(1) Discordo totalmente (1)	(2) Discordo (2)	(3) Discordo um pouco (3)	(4) Concordo um pouco (4)	(5) Concordo (5)	(6) Concordo Totalmente (6)
--------------------------------------	------------------------	------------------------------------	------------------------------------	------------------------	--------------------------------------

Passa tempos
divertidos com
ela (1)

Vão a lugares e
fazem coisas
juntos (2)

Brinca e
diverte-se com
ela (3)

Discorda dela
(4)

Fica zangado ou chateia-se com ela (5)	<input type="radio"/>					
Discute com ela (6)	<input type="radio"/>					
Conta-lhe coisas que não deseja que outras pessoas saibam (7)	<input type="radio"/>					
Conta-lhe tudo o que se está a passar (8)	<input type="radio"/>					
Compartilha segredos e sentimentos íntimos com ela (9)	<input type="radio"/>					
Ajuda-a com coisas que ela não pode fazer por si própria (10)	<input type="radio"/>					
Protege e zela por ela (11)	<input type="radio"/>					
Cuida dela (12)	<input type="radio"/>					
Gosta dela; ama-a. (13)	<input type="radio"/>					
Preocupa-se com ela (14)	<input type="radio"/>					
Tem um forte sentimento de afeto (amoroso) por ela. (15)	<input type="radio"/>					
Trata-a como se fosse admirada e respeitada (16)	<input type="radio"/>					

Trata-a como se você fosse boa em muitas coisas (17)

Gosta ou aprova as coisas que ela faz (18)

Diz-lhe o que fazer (19)

Manda na relação (20)

Assume o controle e decide o que deve ser feito (21)

Este relacionamento vai durar aconteça o que acontecer (22)

Este relacionamento vai durar apesar das zangas (23)

Este relacionamento continuará nos próximos anos (24)

End of Block: Percepção da Relação Amorosa

Start of Block: ASI adultos revista

Q60 Indique, por favor, em que medida concorda/discorda das seguintes afirmações utilizando a escala apresentada.

	(1) Discordo totalmente (1)	(2) Discordo (2)	(3) Discordo um pouco (3)	(4) Concordo um pouco (4)	(5) Concordo (5)	(6) Concordo totalmente (6)
Independentemente de quão acompanhado um homem esteja, ele nunca está completo até que ame uma mulher. (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muitas mulheres atualmente procuram favores especiais, como as políticas de emprego que as favorecem perante os homens, sob o ideal de pedirem igualdade. (2)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Num desastre, devem socorrer-se as mulheres antes dos homens. (3)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A maior parte das mulheres, interpreta comentários inocentes como sendo comentários sexistas. (4)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As mulheres ofendem-se muito facilmente. (5)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As pessoas nunca estão verdadeiramente felizes na vida sem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**que estejam
romanticamente
envolvidas com
uma pessoa do sexo
oposto. (6)**

**As feministas
tentam que as
mulheres alcancem
mais poder que os
homens. (7)**

**Muitas mulheres
têm uma qualidade
de pureza que
poucos homens
possuem. (8)**

**As mulheres
deviam ser
acarinhadas e
protegidas pelos
homens. (9)**

**Muitas mulheres
não apreciam
verdadeiramente
tudo aquilo que os
homens fazem por
elas. (10)**

**As mulheres
procuram ganhar o
poder através do
domínio dos
homens. (11)**

**Todos os homens
devem ter uma
mulher que
adorem. (12)**

**Os homens estão
incompletos sem as
mulheres. (13)**

**As mulheres
exageram os
problemas que têm
no emprego. (14)**

Assim que uma mulher consegue que um homem se comprometa, geralmente procure pôr-lhe ‘rédea curta’. (15)

Quando as mulheres perdem com um homem numa competição justa, elas, tipicamente, queixam-se de serem alvos de discriminação. (16)

Uma boa mulher deveria ser colocada num pedestal pelo seu homem. (17)

Muitas mulheres conseguem um ‘pontapé de saída’ provocando os homens, mostrando-se sexualmente disponíveis, e depois recusando os seus avanços. (18)

As mulheres comparativamente aos homens, tendem a ter uma sensibilidade moral superior. (19)

Os homens devem estar na disposição de sacrificar o seu próprio bem-estar, de forma a sustentarem

**financeiramente a
mulher. (20)**

**As feministas
fazem exigências
pouco razoáveis aos
homens. (21)**

**As mulheres,
comparativamente
com os homens,
tendem a ter um
sentido de cultura e
gosto mais
refinados. (22)**

End of Block: ASI adultos revista

Start of Block: Verificação atenção à idade da criança



Q25 Recorda-se da idade da criança do questionário apresentado?

Q39 Recorda-se do sexo da criança do questionário apresentado?

- Masculino (1)**
- Feminino (2)**
- Não sei (3)**

End of Block: Verificação atenção à idade da criança

Start of Block: Variáveis Sociodemográficas

Q39 Para finalizar, gostaríamos que respondesse a algumas perguntas de caracterização geral.

Q28 Género

- Masculino (1)
- Feminino (2)
- Não-binário (3)
- Outro (4)

Q29 Idade

Q31 Qual a dimensão do local onde cresceu?

- Rural (1)
- Vila ou pequena cidade (2)
- Cidade mediana (3)
- Cidade grande (4)

Q24 Tem filhos?

- Sim (1)

Não (2)

Display This Question:

If Tem filhos? = Sim

Q27 Quantos filhos tem?

1 (1)

2 (2)

3 (3)

4 (4)

5 ou mais (5)

Display This Question:

If Quantos filhos tem? = 1

Q25 Que idade tem o/a seu/sua filho/a?

Display This Question:

If Quantos filhos tem? = 1

Q43 Qual o sexo do seu filho?

Masculino (1)

Feminino (2)

Não-binário (3)

Outro (4)

Display This Question:

If Quantos filhos tem? = 2

Or Quantos filhos tem? = 3

Or Quantos filhos tem? = 4

Or Quantos filhos tem? = 5 ou mais

Q44 Que idade tem o/a seu/sua filho/a mais novo/a?

Display This Question:

If Quantos filhos tem? = 2

Or Quantos filhos tem? = 3

Or Quantos filhos tem? = 4

Or Quantos filhos tem? = 5 ou mais

Q45 Qual o sexo do seu filho mais novo?

Masculino (1)

Feminino (2)

Não-binário (3)

Outro (4)

Display This Question:

If Quantos filhos tem? = 2

Or Quantos filhos tem? = 3

Or Quantos filhos tem? = 4

Or Quantos filhos tem? = 5 ou mais

Q42 Que idade tem o/a seu/sua filho/a mais velho/a?

Display This Question:

If Quantos filhos tem? = 2

Or Quantos filhos tem? = 3

Or Quantos filhos tem? = 4

Or Quantos filhos tem? = 5 ou mais

Q46 Qual o sexo do seu filho mais velho?

- Masculino (1)
- Feminino (2)
- Não-binário (3)
- Outro (4)

Q32 Como descreveria sua visão política em relação às questões sociais?

- Muito liberal (1)
- Liberal (2)
- Ligeiramente liberal (3)
- Moderado (4)
- Ligeiramente conservador (5)

- Conservador (6)
- Muito conservador (7)

Q33 Qual é a sua identidade religiosa?

- Cristão católico (1)
- Cristão protestante (2)
- Cristão ortodoxo oriental (3)
- Agnóstico / não se identifica (4)
- Ateu (5)
- Judeu (6)
- Muçulmano (7)
- Hindu (8)
- Budista (9)
- Outra: (10) _____

Q35 Qual é o seu estado civil?

- Solteiro (1)
- Num relacionamento (2)
- Casado (3)
- Divorciado (4)
- Viúvo (5)

Outro (6) _____

Q38 A minha situação económica, em comparação com a média no meu país, é:

- muito pior que a média (0) (1)**
- (1) (2)**
- (2) (3)**
- (3) (4)**
- (4) (5)**
- igual à média (5) (6)**
- (6) (7)**
- (7) (8)**
- (8) (9)**
- (9) (10)**
- muito melhor que a média (10) (11)**